

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Bianca dos Santos Mondo

**PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS
PRODUÇÕES CIENTÍFICAS RECENTES?**

Florianópolis
2022

Bianca dos Santos Mondo

**PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS
PRODUÇÕES CIENTÍFICAS RECENTES?**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Buss-Simão

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
Através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

dos Santos Mondo, Bianca
Professores homens na Educação Infantil: : o que dizem
as produções científicas recentes? / Bianca dos Santos
Mondo ; orientador, Márcia Buss-Simão, 2022.
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. educação infantil; professores homens;
docência; levantamento da produção.. I. Buss-Simão, Márcia.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Pedagogia. III. Título.

Bianca dos Santos Mondo

**PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS
PRODUÇÕES CIENTÍFICAS RECENTES?**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia

Florianópolis, 25 de março de 2022.

Profa. Dra. Patrícia de Moraes Lima
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Márcia Buss-Simão
Orientadora
EED/CED/UFSC

Prof. Dr. Alexandre Bello
Avaliador
MEN/CED/UFSC

Profa. Dra. Angélica Silvana Pereira
Avaliadora
EED/CED/UFSC

Dr. Sandro Vinícius Sales dos Santos
Avaliador
UFVJM

RESUMO

O presente trabalho de graduação teve como objetivo analisar o que a produção científica indica sobre a presença de professores homens na educação infantil. Para conhecer essa problemática definiu-se como objetivo geral analisar as indicações da produção científica produzida até 2020 em nível de mestrado e doutorado, sobre professores homens na educação infantil. Buscando alcançar esse objetivo geral definiu-se os seguintes objetivos específicos: examinar os principais desafios e embates enfrentados pela área com a presença de professores homens apresentados nas pesquisas; conhecer quais indicativos, saberes e fazeres que os homens realizam ou podem realizar em creches e pré-escolas que as pesquisas apontam; reunir o que as pesquisas indicam sobre o masculino no processo de produção de sentidos para as relações de gênero. Como procedimentos metodológicos realizou-se um levantamento das teses e dissertações hospedadas nas plataformas CAPES e IBICT e publicadas até 2020 que tratassem da temática eleita para pesquisa. Utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo para organização e categorização dos dados, sendo que, desse processo, emergiram duas categorias de análise: i) *Ingresso e permanência de professores homens na Educação Infantil* e ii) *Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil*. Para as análises, buscou-se suporte nos autores utilizados no referencial teórico entre eles: Louro (1999); Yannoulas (2011); Vianna (2002); Buss-Simão (2012); Bello, Zanette e Felipe (2020); Ramos (2011); Siqueira (2021); Santos (2016); Nunes, Corsino e Kramer (2011); Scott (1990); Oliveira e Finco (2020) e Prado, Anselmo e Fernandes (2020). No processo de análise evidenciou-se que os desafios enfrentados pelos professores homens estão relacionados às relações de gênero, devido a forte tendência, ainda presente das concepções calcadas nos determinismos biológicos. A partir desta concepção, observa-se uma divisão sexual do trabalho na qual, os professores homens são vistos como incapazes ou perigosos. O questionamento sobre a sua sexualidade e o medo da pedofilia são recorrentes e constantemente presentes no dia a dia do professor homem na Educação Infantil.

Palavras-chave: educação infantil; professores homens; docência; levantamento da produção.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conjuntos de Palavras-chaves.....	14
Quadro 2 - Dissertações de Mestrado	17
Quadro 3 - Teses de Doutorado.....	27
Quadro 4 - Palavras agrupadas na categoria ingresso e permanência na docência na Educação Infantil	29
Quadro 5 - Palavras agrupadas na categoria profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil	29
Quadro 6 - Títulos da categoria desafios do ingresso e permanência dos professores homens na Educação Infantil	33
Quadro 7 - Títulos da categoria profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dissertações de Mestrado por áreas do conhecimento.....	20
Gráfico 2 - Dissertações de Mestrado por ano de publicação	21
Gráfico 3 - Sexo do/a autor/a das Dissertações de Mestrado	24
Gráfico 4 - Sexo do/a orientador/a das Dissertações de Mestrado	24
Gráfico 5 - Sexo dos autores e quantidade de publicações por ano.....	25
Gráfico 6 - Dissertações de Mestrado por região do país	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	13
2.1 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA COMO ESTRATÉGIA ELEITA PARA A PRODUÇÃO DE DADOS13	
2.2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS DO CONJUNTO DE PESQUISAS REUNIDAS.....	20
3. O QUE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTA SOBRE A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
3.1 INGRESSO E PERMANÊNCIA DOS PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	32
3.2 PROFISSIONALIDADE DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Escrevo esse Trabalho de Conclusão de Curso depois de nove anos na universidade. Uma trajetória longa, cheia de encontros, desencontros, tropeços e saltos. Me orgulho do caminho pelo qual me constitui como ser humano.

Vim de uma família humilde, minha mãe, assim como meu pai sempre trabalharam, nunca pudemos pagar ninguém para consertar alguma coisa ou para realizar alguma tarefa em casa, por sorte, meu pai era e é daqueles que sabia fazer tudo, mas precisava de ajuda. Como não teve filhos homens, ficava ao meu encargo e de minha irmã ajudá-lo. Entre uma ajuda e outra aprendemos a fazer muitas coisas que, infinitas vezes, escutei ser “coisas de homem”.

Apesar de as mulheres da família serem muito independentes e trabalhadoras, traziam consigo ideias muito patriarcais e machistas, compreendendo muitas vezes que o homem deve fazer o serviço “pesado” e a mulher cuidar do lar.

Dada a nossa realidade, sempre me questioneei a que mulheres elas se referiam. Que mulheres cuidam dos filhos, se minha mãe sempre trabalhou fora? O que são coisas de homens se eu sempre ajudei meu pai em suas tarefas? Que ideais são esses que não chegam até a minha realidade? Quem pode escolhê-los? Por que a minha e tantas outras famílias nunca puderam definir o que era ou não uma atividade apropriada para o seu sexo e gênero?

Essas foram questões que carreguei comigo durante muitos anos até mergulhar em um mundo de possibilidades e perspectivas quando iniciei a graduação em pedagogia. Ingressei na Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2012, para cursar ciências biológicas. Apesar de ser um curso de licenciatura, ao entrar na sala de aula, me deparei com uma turma muito parecida com o que conhecia da escola básica, cerca de 40 estudantes, sendo 22 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Ou seja, havia um número equilibrado de homens e mulheres na sala de aula.

Passados alguns semestres resolvi que trocaria de curso e decidi cursar pedagogia também na Universidade Federal de Santa Catarina. Ao entrar na sala de aula, me deparei com o que muitos amigos já haviam me dito, a maioria das/os estudantes era mulher. Eu nunca havia pensado sobre as relações de gênero e a escolha profissional, para mim era apenas uma questão de identificação com a área, pois havia alguns colegas homens na turma.

Durante o curso de Pedagogia, estudamos pouco sobre relações de gênero nas disciplinas obrigatórias, sendo que o assunto sempre emergiu de forma transversal aos temas principais do currículo e, apesar da presença de estudantes do sexo masculino, a problemática do professor homem na educação, em especial na Educação Infantil, nunca foi tema de discussão nas disciplinas e nas aulas na graduação.

Somente no ano de 2019, quando já estava na quinta fase do curso, uma professora comentou sobre o projeto de Lei que proibia professores homens de realizar qualquer atividade relacionada ao cuidado íntimo das crianças na educação infantil e que o motivo principal seria a segurança das crianças. Ao ouvir isto, imediatamente, voltei aos meus questionamentos de criança. Será que a Educação Infantil é coisa só de mulher?

A constituição histórica da Educação Infantil no Brasil demonstra que, nessa etapa educativa, a docência (mesmo que ainda sem exigência de formação profissional) se constitui desde o princípio como feminina (diferente de outras etapas educativas). A docência na Educação Infantil é composta, em sua maioria, por profissionais mulheres já que, inicialmente, a profissão tinha caráter tutelar priorizando o cuidado como assistencialismo.

Durante muitos anos, o cuidado e a educação das crianças era responsabilidade da família, principalmente, das mulheres. Sendo assim, o magistério era concebido como uma “extensão da maternidade e do lar” (LOURO, 1999) pressupondo a maternidade como instinto, sem necessidade de formação profissional para essa função.

As primeiras iniciativas de acolhimento institucional eram voltadas às crianças órfãs ou abandonadas e realizadas por organizações filantrópicas, com o objetivo de diminuir a mortalidade e a desnutrição infantil. Com o desenvolvimento industrial, muitas mulheres precisaram deixar seus filhos para trabalhar em empresas privadas, este movimento gerou uma demanda de trabalho, em que mulheres leigas cuidavam dos filhos das trabalhadoras em troca de dinheiro.

Pesquisas recentes sobre relações de gênero e trabalho docente, apontam um fenômeno chamado feminização da docência. A feminização está relacionada não somente a quantidade de mulheres, mas também a qualidade das condições de trabalho, remuneração e reconhecimento social que determinada área possui. Segundo Yannoulas (2011 p. 284):

Com o ingresso massivo de mulheres, diminuem as remunerações e o trabalho perde prestígio social. Sob outra perspectiva, quando as profissões se feminilizam, passam a ser entendidas como extensão no espaço público da função privada de reprodução social (função dos cuidados). Assim, ao analisar a mudança na existência objetiva de

uma profissão (feminilização), é necessário entender por que aconteceu a mudança (feminização de atributos, características descritivas que determinam e regulam o exercício da profissão ou ocupação).

É importante ressaltar que diferente da docência no Ensino Fundamental, que originalmente foi uma profissão ocupada por professores homens e, ao longo dos anos, foi se tornando uma profissão ocupada, em sua maioria, por mulheres, na área da Educação Infantil esse processo não ocorre, pois, em sua constituição histórica, vinculada ao assistencialismo, a Educação Infantil foi, desde sempre, ocupada por mulheres leigas e sem formação profissional. Ou seja, trata-se de uma ocupação profissional que se constitui de uma demanda social das mulheres da classe trabalhadora e, em função da omissão do estado brasileiro, foi inicialmente suprida pela ação de mulheres oriundas das camadas populares.

Mais recentemente, no processo de constituição da área da Educação Infantil, um grande avanço se deu com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, em que, ao ser incorporada como primeira etapa da Educação Básica, passa-se também a exigir a formação profissional para o exercício da docência, como bem esclarecem Buss-Simão; Rocha (2018, p. 2):

Com a LDB, a carreira docente da professora de educação infantil foi equiparada a de professor dos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido, a professora de educação infantil passou a ter direito a plano de carreira e a todas as conquistas da categoria, como a inclusão na lei n. 11.738, de 16 de julho de 2008, que institui o piso salarial nacional para professores da educação básica pública.

Apesar da exigência de formação a partir promulgação da LDB de 1996, ao definir a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, a maioria das professoras da Educação Infantil ainda são mulheres. Os dados do Censo Escolar do ano de 2020, apontam que 96,4% das professoras da Educação Infantil são do sexo feminino e apenas 3,6% são do sexo masculino. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a porcentagem é de 88,1% de profissionais do sexo feminino e 11,9% do sexo masculino. Nos anos finais do Ensino Fundamental há um aumento significativo de profissionais do sexo masculino, sendo 66,8% do sexo feminino e 33,2% de professores do sexo masculino. Já no Ensino Médio, neste mesmo ano, a porcentagem não é tão díspar quanto nas outras duas etapas, sendo 57,8% professoras do sexo feminino e 42,2% professores do sexo masculino.

Nos últimos anos, a presença de professores homens na docência na Educação Infantil tem causado enfrentamentos no âmbito das políticas públicas e nas relações profissionais e sociais em espaços de creche e pré-escola, o que justifica o interesse em pesquisar e conhecer

o que a produção científica apresenta sobre a presença de professores homens na Educação Infantil.

A partir deste contexto definimos como **problema de pesquisa** o que a produção científica produzida até 2020 indica sobre a presença de professores homens na Educação Infantil? Pretendendo responder ao problema de pesquisa definido, formulamos como **Objetivo Geral**: Analisar as indicações da produção científica recente, em nível de mestrado e doutorado, defendidas até o ano de 2020, sobre professores homens na Educação Infantil.

Para alcançar o objetivo geral propomos como **objetivos específicos**:

- i) examinar os principais desafios e embates enfrentados pela área com a presença de professores homens na educação infantil;
- ii) conhecer o que as pesquisas indicam quanto aos saberes e fazeres que os homens realizam ou podem realizar em creches e pré-escolas;
- iii) reunir o que nas pesquisas indicam sobre o masculino no processo de produção de sentidos para as relações de gênero na docência na educação infantil.

Tendo em vista esses objetivos, como procedimento metodológico, realizamos um levantamento de parcela significativa da produção acadêmica nacional, a saber: teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros até o ano de 2020, disponíveis nos portais da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia) e cuja temática compreendia a presença masculina na Educação Infantil. Com um conjunto de palavras-chaves pré-estabelecido, buscamos teses e dissertações que tratassem sobre homens na Educação Infantil. Essa busca trouxe como recorte temporal o ano de 1997 com a primeira pesquisa produzida sobre a temática e por nós localizada, estabelecendo, com isso, o recorte temporal 1997 a 2020. Para a organização do material reunido utilizamos a Técnica Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Para a organização da escrita o texto deste Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em seções. Com vistas a apresentar a introdução, nesta primeira seção, exponho a relevância pessoal e social da pesquisa, a problemática e os objetivos. Na segunda seção descrevo o processo metodológico percorrido e a emersão das categorias. Na terceira seção, as análises das

categorias que emergem da produção científica reunida. Por fim, nas considerações finais retomo, brevemente, os processos de estudos do trabalho e demarco as reflexões acerca do meu desejo de continuidades de pesquisas.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA COMO ESTRATÉGIA ELEITA PARA A PRODUÇÃO DE DADOS

Ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, é possível observar no Brasil, um aumento acentuado de pesquisas na área da educação. A expansão dos programas de pós-graduação no país é um fator que influencia diretamente neste movimento, possibilitando que mais pesquisas sejam desenvolvidas em diferentes áreas da educação, antes pouco exploradas. Além do crescente número de teses e dissertações há também a realização de eventos, congressos e seminários, que impulsionam a produção de artigos, publicações em revistas científicas e apresentações que facilitam a divulgação destes materiais para que, cada vez mais, pesquisadores tenham acesso ao que foi desenvolvido.

Com o crescimento contínuo das pesquisas, nasce também a necessidade de inventariar o que foi desenvolvido no decorrer destes anos. Desta forma, é possível compreender quais caminhos estas pesquisas estão percorrendo. Ou seja, quais são os temas mais escolhidos, que metodologias têm sido empregadas, quais contribuições para área, entre outros assuntos que ajudam a mapear os trabalhos realizados. Para responder estas questões, se realiza uma pesquisa denominada de “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Segundo Romanowski e Ens (2006, p. 39):

A realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. A análise do campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia.

Estudos de levantamento do tipo “estado da arte” ainda são recentes no Brasil, mas são importantes para que pesquisadores tenham uma compreensão mais ampliada da área estudada e para futuros pesquisadores o terem como um ponto de partida. Conforme afirmam Romanowski e Ens (2006, p.40):

Na introdução do ‘estado da arte’ sobre alfabetização, Soares (1999, p. 4) afirma que as pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento [...] são recentes no Brasil e são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema - sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas. [...] esses estudos

são necessários ‘no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos’, favorecendo a organização que mostre a integração e a configuração emergentes, as diferentes perspectivas investigadas, os estudos recorrentes, as lacunas e as contradições.

A primeira etapa para uma pesquisa do tipo “estado da arte” é realizar um levantamento das produções em determinada área. Este levantamento é chamado de “Levantamento Bibliográfico” e tem por objetivo coletar todas as referências encontradas para posterior análise e categorização destes trabalhos. Para Romanowski e Ens (2006, p.43):

Um levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre o tema é um passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento. Este tipo de estudo caracteriza-se por ser descritivo e analítico.

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é a realização de um levantamento das teses e dissertações disponíveis nos portais da CAPES e do IBICT, nos últimos anos, que abordassem o tema “Professores homens na Educação Infantil”, elegemos esta metodologia como instrumento para o desenvolvimento desta pesquisa.

Definida a problemática da pesquisa e o levantamento da produção científica, elegemos os repositórios da produção acadêmica para iniciar a busca dos trabalhos. A primeira base de dados foi o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a segunda à Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD) desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT).

Definidas as bases de dados para o levantamento da produção científica sobre os professores homens na Educação Infantil, foram utilizados três conjuntos de palavras-chaves, sendo cada conjunto composto por seis combinações de palavras como apresentaremos no Quadro 1 que segue:

Quadro 1 - Conjuntos de Palavras-chaves

CONJUNTO 1	CAPES		IBICT	
	Total localizado	Total selecionado	Total localizado	Total selecionado
1- pré-escolar and “professores homens”	652838	13	3	3
2- pré-escola and “professores homens”	680621	11	3	3
3- creche and “professores homens”	599708	13	2	2

4- “educação infantil” and “professores homens”	667912	18	15	14
5- infância and “professores homens”	605995	7	2	2
6- bebês and “professores homens”	599787	14	1	1
CONJUNTO 2	CAPES		IBICT	
Palavras-chave	Total localizado	Total selecionado	Total localizado	Total selecionado
1- pré-escolar and “docência masculina”	622252	6	3	3
2- pré-escola and “docência masculina”	653644	6	3	3
3- creche and “docência masculina”	557445	7	1	1
4- “educação infantil” and “docência masculina”	652381	10	5	5
5- infância and “docência masculina”	564580	5	3	3
6- bebês and “docência masculina”	557418	5	1	1
CONJUNTO 3	CAPES		IBICT	
Palavras-chave	Total localizado	Total selecionado	Total localizado	Total selecionado
1- pré-escolar and “profissionais homens”	656314	7	1	1
2- pré-escola and “profissionais homens”	685721	5	1	1
3- creche and “profissionais homens”	596133	8	1	1
4- “educação infantil” and “profissionais homens”	679831	14	4	4
5- infância and “profissionais homens”	602494	5	2	1
6- bebês and “profissionais homens”	596096	6	1	1

Fonte: da autora produzido em 2021

Considerando o Guia de uso do Portal de Periódicos da CAPES, existem dois tipos de busca por assunto, a busca avançada e simples, utilizamos o recurso de busca por assunto simples, sempre com dois termos, empregando o operador de pesquisa “AND” a fim de encontrar todos os termos utilizados no operador de busca. Nas palavras compostas, utilizamos as aspas para que fossem localizados somente registros que contivessem as palavras juntas.

Iniciamos a pesquisa nas plataformas no mês de agosto de 2021. As buscas pelos títulos e resumos duraram aproximadamente uma semana e, a partir daí, iniciamos a organização do material e seleção dos títulos.

Na plataforma da CAPES, tivemos muitas pesquisas como resultado das nossas buscas. Conforme podemos observar no Quadro 1, a combinação de palavras “pré-escolar and professores homens” surgiram 622.252 pesquisas contendo esta combinação. O alto número de resultados impossibilitou a leitura de todos, portanto foram lidos todos os títulos das 100 primeiras teses e dissertações. Os títulos selecionados foram adicionados em um quadro e criamos um arquivo com os resumos, para análise mais detalhada e refinamento da seleção.

Na plataforma IBICT não encontramos nenhum guia de uso, portanto, utilizamos os mesmos métodos empregados na seleção de trabalhos no portal da CAPES. Como podemos observar no Quadro 1, a primeira combinação como “pré-escolar and ‘professores homens” obtivemos resultados em menor número, totalizando três títulos, portanto, foi possível analisar todos os resultados desta plataforma.

Na leitura selecionamos todos os títulos que abordam questões de gênero, identidades, trajetórias de vida, desafios encontrados no ingresso e permanência nas instituições de ensino infantil, a formação profissional, relatos, pesquisas históricas de professores homens na educação infantil. Conforme os títulos eram selecionados, copiávamos da plataforma e os colávamos em uma lista em um documento no Word juntamente com o link de acesso a pesquisa completa. Após a seleção, passamos esta lista para uma tabela em Excel, separando as informações (plataforma, autor, orientador, título, ano de publicação, universidade e grau acadêmico) em colunas diferentes. Separamos os títulos em duas abas diferentes de acordo com a plataforma em que foram encontrados. Em uma terceira aba, cruzamos os títulos e excluimos os que se repetiam. Separamos as pesquisas por grau acadêmico e iniciamos as buscas pelos resumos. Em outro arquivo, em Word, foram copiados todos os resumos e organizados por título, autor e resumo.

Ao total selecionamos 43 títulos, sendo seis teses de doutorado e 37 dissertações de mestrado, desse total 25 foram localizados na CAPES e sete na IBICT e 11 destas pesquisas foram encontradas em ambas as plataformas.

Em um segundo momento realizamos as leituras de todos os resumos para classificar as pesquisas que seriam ou não utilizadas. Algumas pesquisas, apesar dos títulos citarem as palavras-chaves eleitas por nós, não abordavam diretamente o assunto do professor homem na Educação Infantil, por esse motivo, foram excluídas. Ao total excluimos 11 pesquisas das 43 previamente selecionadas que não estavam de acordo com o tema ou estavam repetidas. Como por exemplo a dissertação de mestrado “A identidade de professores homens na docência com

crianças: homens fora do lugar?” de Frederico Cardoso de Assis (2012), em que o título enuncia questões de gênero e identidade de professores homens, mas ao lermos o resumo percebemos que se trata exclusivamente de professores dos Anos Iniciais. Ou também a pesquisa de Márcia de Oliveira Gomes Gil (2013), com o título “O Perfil do Professor de Educação Infantil da cidade do Rio de Janeiro”, que se refere a professores de ambos os sexos, traçando um perfil geral desses profissionais.

Definidos os títulos que permaneceram, totalizando 32 pesquisas, sendo 29 dissertações de mestrado e três teses de doutorado¹. Organizamos um quadro por ano de publicação e separados por nível de mestrado e doutorado com todas as pesquisas selecionadas, que apresentamos na sequência no Quadro 2:

Quadro 2 - Dissertações de Mestrado

Banco	Autores(as) /Título	Ano	Universidade	Área
CAPES	Eliana Campos Leite Saporoli e Fúlvia Rosemberg. Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino.	1997	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Psicologia
CAPES	Janaína Rodrigues Araújo e Sandra Azeredo. Relações de gênero na educação infantil: um estudo sobre a reduzida presença de homens na docência.	2006	Universidade Federal de Minas Gerais	Psicologia
CAPES	Mára Isis de Souza e Ana Paula Soares da Silva. Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais	2010	Universidade de São Paulo	Psicologia
CAPES	José Edilmar de Sousa e Sílvia Helena Vieira Cruz. Por acaso existem homens professores de Educação Infantil? um estudo de casos múltiplos em representações sociais.	2011	Universidade Federal do Ceará	Educação
CAPES	Joaquim Ramos e Maria do Carmo Xavier. Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de belo horizonte M.G.	2011	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Educação
IBICT	Benedita F. Alves e Georges Daniel Janja Boris Bloc. A experiência vivida de professores do sexo masculino na Educação Infantil: Uma questão de gênero?	2012	Universidade de Fortaleza	Psicologia

¹ Importante registrar que, o conjunto de palavras-chave eleitas nos permitiu chegar nessas pesquisas, no entanto, estamos cientes que buscas com outras combinações de palavras-chave poderiam ainda localizar mais pesquisas sobre a temática, pois nenhum levantamento é infalível. Uma pesquisa, da década de 1990 que, no campo da psicologia, é pioneiro nos estudos sobre professores homens na Educação Infantil é a dissertação de mestrado Elizabeth Franco Cruz (CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unberhaum; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998) que não foi localizada em nosso levantamento.

Banco	Autores(as) /Título	Ano	Universidade	Área
CAPES IBICT	Maria Artete Bastos Pereira e Maria Sylvia de Souza Vitalle. Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade	2012	Universidade Federal de São Paulo	Educação
CAPES IBICT	Patrícia Gouvêa Nunes e Lucia Helena Rincon Afonso. Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	2013	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Educação
CAPES IBICT	Fernanda Francielle de Castro e Norines Panicacci Bahia. O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente a feminização do magistério	2014	Universidade Metodista de São Paulo	Educação
CAPES	Wagner Luiz Tavares Gomides e Eduardo Simonini Lopes. Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil	2014	Universidade Federal de Viçosa	Educação
CAPES IBICT	Mariana Kubilius Monteiro e Helena Altmann. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil	2014	Universidade Estadual de Campinas	Educação Física
CAPES	Lilian Borges dos Santos e Ana Cristina Coll Delgado. Gênero e Educação Infantil: O trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil	2014	Universidade Federal de Pelotas	Educação
CAPES IBICT	Peterson Rigato da Silva e Ana Lucia Goulart de Faria. Não sou pai, nem tio, sou professor! A docência masculina na educação infantil	2014	Universidade Estadual de Campinas	Educação
CAPES	Ana Márcia de Oliveira Carvalho e Maria Alves de Toledo Bruns. Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz	2015	Universidade Estadual Paulista	Educação
CAPES	Karine Jacque Hentges e Márcia Ondina Vieira Ferreira. Homens na Educação Infantil: O que pensam as diretoras sobre isso?	2015	Universidade Federal de Pelotas	Educação
CAPES	Natalia Maroun e Rita de Cássia Santos Freitas. Homens e masculinidades na perspectiva do cuidado: o desafio da ótica de gênero na proteção social	2015	Universidade Federal Fluminense	Política Social
CAPES	Luciano Gonçalves Teodoro e Gisela do Carmo Lourencetti. O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista	2015	Centro Universitário Moura Lacerda	Educação
CAPES	Bruno Leonardo Bezerra da Silva e Karyne Dias Coutinho. A presença de homens docentes na educação infantil: Lugares (des)ocupados	2015	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Educação

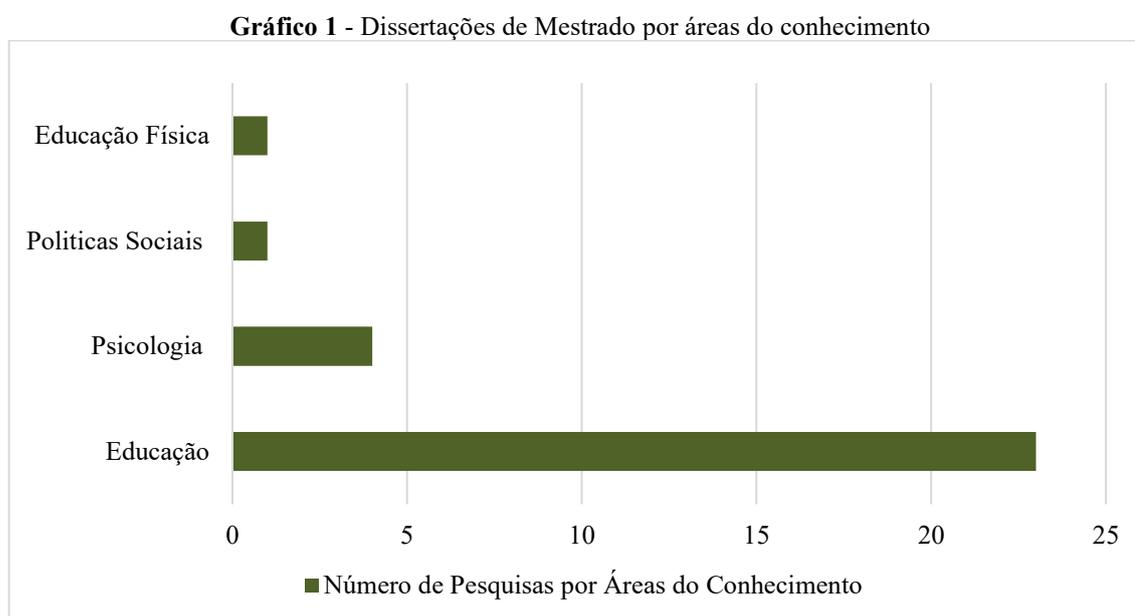
Banco	Autores(as) /Título	Ano	Universidade	Área
CAPES IBICT	Michelle Mariano Mendonça e Luciana Maria Giovanni. Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão	2016	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação
CAPES IBICT	Rodrigo Ruan Merat Moreno e Isabel Alice Oswald Monteiro Lelis. Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias	2017	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Educação
CAPES	Waldinei do Nascimento Ferreira e Ademilson de Sousa Soares. As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte	2017	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação
CAPES IBICT	José Durval Aguiar Junior e Luciana Maria Giovanni. Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil	2017	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação
IBICT	Thiago Terres e Fernanda Coelho Liberali. Desafios de ser gestor homem nos centros de Educação Infantil do município de São Paulo	2019	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação
CAPES	Adriana Cristina de Oliveira e Fábio Pinto Gonçalves dos Reis. Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	2019	Universidade Federal de Lavras	Educação
IBICT	Gabriel Hengsternberg Bonifácio e Barbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama. A profissionalização do docente masculino da Educação Infantil	2019	Universidade Federal de São Carlos	Educação
CAPES IBICT	Hugo Leonardo Marangoni de Oliveira Santos e Selma Borghi Venco. Bendito entre as mulheres: Um estudo sobre a presença de professores homens na Educação Infantil	2020	Universidade Estadual de Campinas	Educação
IBICT	Clemerson Elder Trindade Ramos e Romilson Martins Siqueira. Quem tem medo do lobo mau? inquietações e medos sobre o trabalho do homem na Educação Infantil	2020	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Educação
CAPES IBICT	Denis Cardoso Maciel e Maevi Anabel Nono. Ampliando a perspectiva sobre professores homens na Educação Infantil: a caracterização desta realidade em São José do Rio Preto-SP	2020	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Educação
IBICT	Jéssica Fávaro e Daniele Célia Regina Rossi. Professores Homens: Suas trajetórias na Educação Infantil	2020	Universidade Estadual Paulista	Educação

Fonte: da autora produzido em 2021

Como podemos observar no Quadro 2 o conjunto de pesquisas reunidas nos trouxe o recorte temporal do ano de 1997 como a primeira pesquisa produzida sobre a temática e, por nós localizada, estabelecendo, com isso, o recorte temporal 1997 a 2020, ou seja, o ano 2020 foi definido, considerando o levantamento ter sido realizado em 2021, já a definição do ano de 1997, se deu pelo conjunto da produção localizada.

2.2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS DO CONJUNTO DE PESQUISAS REUNIDAS

Ao analisar o conjunto de pesquisas reunidas observamos que a temática se fez presente em apenas quatro áreas de conhecimento de Programas de Pós-graduação. Do total das 29 pesquisas de mestrado, 23 foram desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação de Educação, quatro em Programas de Pós-Graduação de Psicologia, uma em Programa de Pós-Graduação de Políticas Sociais e uma em Programa de Pós-Graduação em Educação Física, como podemos observar no Gráfico 1:



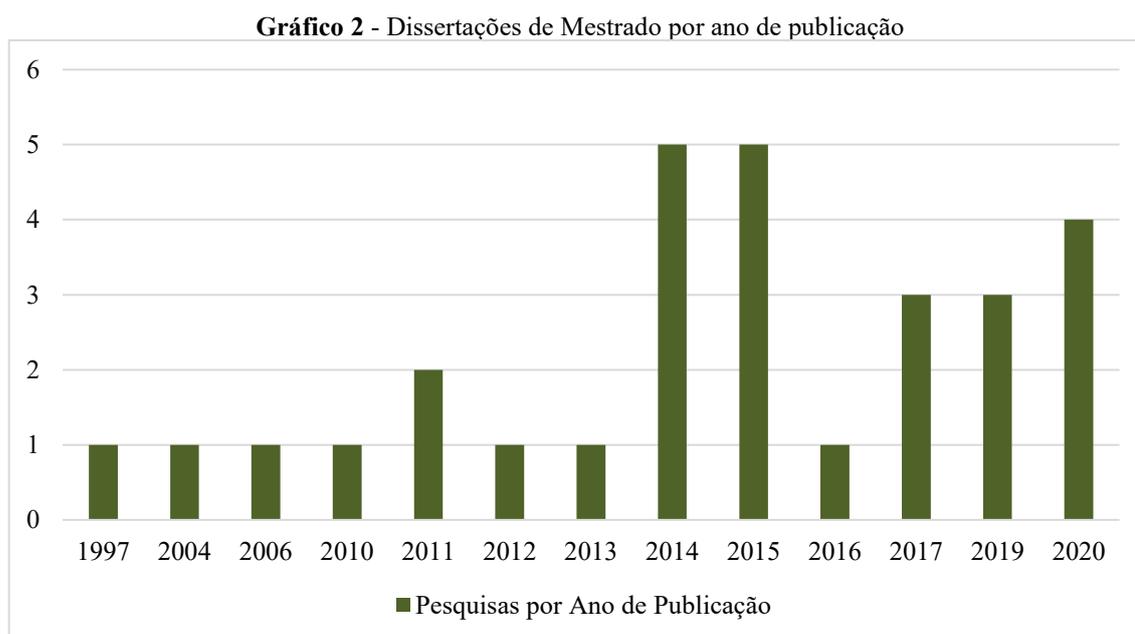
Fonte: da autora produzido em 2021

Podemos ver que a Educação é a área com maior número de produções sobre professores homens na Educação Infantil. Ao realizar as buscas no banco de dados não restringimos a área do conhecimento, assim, ao que tudo indica, poucas áreas do conhecimento, até o momento, apresentam interesse em pesquisar a temática e verifica-se uma predominância

de estudos na área da Educação. Tal dado nos permite problematizar: será que estamos diante de um campo teórico com estatuto teórico-metodológico próprio e com objeto de estudo devidamente delimitado?

Nessa primeira aproximação e análise geral do quadro de dissertações de Mestrado reunidas no levantamento, interessou-nos atentar ao ano em que foram defendidas, ao sexo² das/os autoras/es e orientadoras/es e as regiões do Brasil onde as pesquisas foram desenvolvidas, dados que apresentaremos na continuidade.

Ao observar o quadro percebemos que reunimos pesquisas do período de 1997 até 2020. Importante esclarecer que ao iniciar nossa pesquisa não estabelecemos uma data limite para recorte temporal, somente definimos a data limite como o ano de 2020, pois, realizamos o levantamento em agosto de 2021 e assim sendo o ano de 2021 ainda inconcluso não poderia ser incluído. No Gráfico 2 apresentamos quais os anos em que houve defesas de dissertações e quantas delas foram defendidas em cada ano.



Fonte: da autora produzido em 2021

² Optamos pela definição sexo e não gênero, para não incorrer no uso equivocado do termo gênero, como comumente ocorre no contexto da educação brasileira. Carvalho e Rabay (2015) alertam para o fato de que compreender gênero como sinônimo de sexo ou o reduzi-lo a sexo, elimina a distinção fundamental feita pela teorização feminista. Ao confundir sexo e gênero, o campo da educação seja pelo viés político, seja no âmbito da academia, populariza indevidamente o uso do termo. Esse uso equivocado do conceito de gênero “[...] inverte a subordinação feminina (que permanece em meio à iniquidade gênero) em vantagem quantitativa das mulheres nas instituições de educação superior e básica” (CARVALHO e RABAY, 2015, p. 132).

Nos anos de 1997, 2004, 2006 e 2010 apenas uma pesquisa foi realizada por ano. Em 2011 localizamos duas pesquisas em cada ano, já em 2012 e 2013 apenas uma pesquisa foi localizada por ano. Em 2014 e 2015, notamos um aumento significativo na quantidade de dissertações com esta temática, somando um total de 5 pesquisas em cada ano. Importante ressaltar que neste período, no Brasil, a disseminação dos discursos anti-gênero, sobretudo, durante a construção, discussão e elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) se evidenciam. A ampliação das pesquisas neste período mostra que, se por um lado cresce a ofensiva e o desejo de calar discussões sobre gênero, por outro, no âmbito acadêmico, o neologismo da 'ideologia gênero' coloca gênero (e a sexualidade) em evidência na produção científica. Já no ano de 2016, localizamos apenas uma pesquisa e, nos anos de 2017 e 2019 temos novamente um aumento com 3 pesquisas em cada ano e, no ano de 2020 foram localizadas 4 pesquisas.

Percebemos, pelo conjunto de pesquisas reunidas, um incremento de investigações sobre a temática nos últimos anos, ao mesmo tempo, observamos investidas conservadoras contrárias ou restritivas quanto a atuação desses profissionais na Educação Infantil. Por exemplo, em 2019, foi apresentado pela deputada Janaína Paschoal, um Projeto de Lei nº 1174/2019 para Estado de São Paulo que restringe, às profissionais do sexo feminino, os cuidados íntimos das crianças, como troca de fraldas, ajudas para ir ao banheiro e banho. A proposta surgiu após o recebimento de reclamações de uma mãe, da cidade de Araçatuba/SP, que se sentia insegura em deixar seu filho sob os cuidados de um professor homem, por temer abuso sexual, visto que em 2001 foi implementada a Lei Complementar 260/17 que cria o cargo de agente escolar. Neste mesmo ano, no estado de Santa Catarina, foi proposto o Projeto de Lei nº 0502.7/2019 em que “Confere aos profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na educação infantil e traz outras providências” (SANTA CATARINA, 2019). Os deputados Vitor Valim, Walter Cavalcante e AP. Luiz Henrique do Ceará também apresentaram o Projeto de Lei 620/2019, com a mesma proposta, objetivando restringir os cuidados íntimos às profissionais do sexo feminino, porém o projeto não foi aceito na comissão de constituição e justiça. No início do ano de 2021, o deputado Max Lemos do Rio de Janeiro, criou um Projeto de Lei com a mesma proposta de restringir os cuidados íntimos a profissionais do sexo masculino.

Apesar dos projetos de lei apontarem para esta onda conservadora mais explícita nos anos de 2019 a 2021, consideramos que esta teve início em 2004 quando foi divulgado o site

escolasempartido.org, organizado por Miguel Nagib. Inicialmente o projeto não teve muita notoriedade, até que, em 2014, por ocasião da aprovação do Plano Nacional da Educação (2014-2024) e nos Planos Estaduais de Educação (2014-2018) integrantes desse movimento conseguiram restringir o uso das expressões vinculadas às relações de gênero no referido documento³. A proposta surgiu como projeto de lei no Rio de Janeiro e se espalhou por diversas câmaras e assembleias legislativas. Dentre várias questões, o Art. 3º propõe: “São vedadas, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdo ou a realização de atividades que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes” (BRASIL, 2018).

Como sabemos, o debate sobre as relações de gênero e a defesa da diversidade sexual são entendidas por muitos como ‘ideologia de gênero’⁴ e, este movimento, nasce na tentativa de deslegitimar as lutas daqueles/as que de alguma forma rompem a heteronormatividade defendida pelos conservadores⁵.

Quanto ao sexo das/os autoras/es e orientadoras/es buscamos representar os números dos(as) autores(as) no Gráfico 3 e dos(as) orientadores(as) das dissertações de mestrado no gráfico 4. Ao observarmos os gráficos percebemos que não há diferença entre a quantidade quanto ao sexo das/os autoras/es das dissertações, sendo 14 do sexo masculino, o que corresponde a 48% dos autores e 15 autoras do sexo feminino, equivalente a 52%. Esse dado permite compreender um engajamento não só dos pesquisadores o sexo masculino pela construção do lugar social dos homens na educação e nos cuidados de bebês e crianças pequenas, mas também das mulheres nesse processo. Ou seja, a questão da presença/ausência

³ Para uma análise detalhada sugerimos a leitura do artigo: VIANNA, Cláudia; BORTOLINI, Alexandre. As agendas feministas, LGBT e antigênero em disputa nos Planos Estaduais de Educação (2014-2018). *In*: VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Marília (org.). **Gênero e educação: 20 anos construindo conhecimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

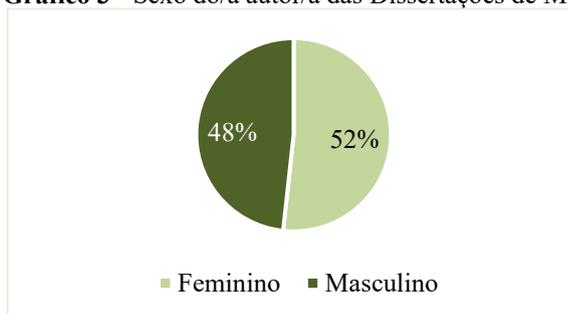
⁴ A professora Jimena Furlani teceu explicações, embasada teoricamente nos Estudos de Gênero, sobre o uso equivocado do termo “ideologia de gênero”: “O termo “ideologia de gênero” NÃO ESTÁ PRESENTE, não é de uso no contexto das Teorias de Gênero. Esse termo, essa expressão, foi criada/inventada, recentemente, no interior de alguns discursos religiosos. Trata-se de uma INTERPRETAÇÃO, EQUIVOCADA e CONFUSA, que não reflete o entendimento de “Gênero” presente na Educação e na escolarização brasileiras, nas práticas docentes e/ou nos cursos de formação inicial e continuada de professoras/es (FURLANI, 2015, p. 2, grifos no original)”.

⁵ Conforme Orlandi, Swiderski e Elias (2017, p. 138), ‘ideologia de gênero’ é uma expressão que se pauta na “[...] descontextualização, simplificação e depreciação dos estudos de gênero, os quais foram ironicamente rebatizados como ‘Ideologia de Gênero’, sendo os professores comprometidos com a garantia do direito humano à educação sexual acusados de ‘doutrinação ideológica’ de seus alunos”. É uma iniciativa perpetrada “[...] por legisladores que advogam por neutralidade e proteção da ‘família tradicional’ (leia-se heteronormativa, cisgênero e com filhos). Contudo, o fazem a partir de posicionamentos marcadamente conservadores, sendo tais legisladores, em grande parte, representantes de igrejas pentecostais, evangélicas ou católicas” (ORLANDI; SWIDERSKI; ELIAS, 2017, p. 138).

masculina na Educação Infantil é tema de interesse de homens e mulheres imbuídos do desejo de transformação das relações sociais, em especial daquelas que têm as diferenças sexuais como fator de promoção de desigualdades.

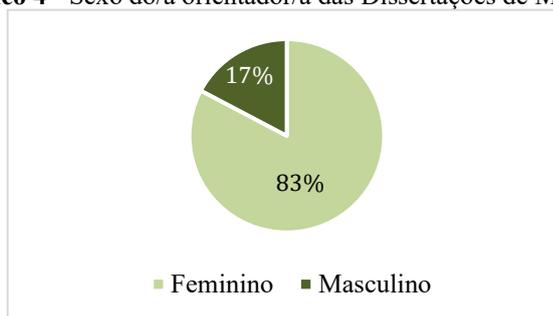
Quanto ao número de orientadoras/es, os números mostram uma grande diferença, sendo que 24 são do sexo feminino e cinco são do sexo masculino, o que equivale a 83% e 17% respectivamente.

Gráfico 3 - Sexo do/a autor/a das Dissertações de Mestrado



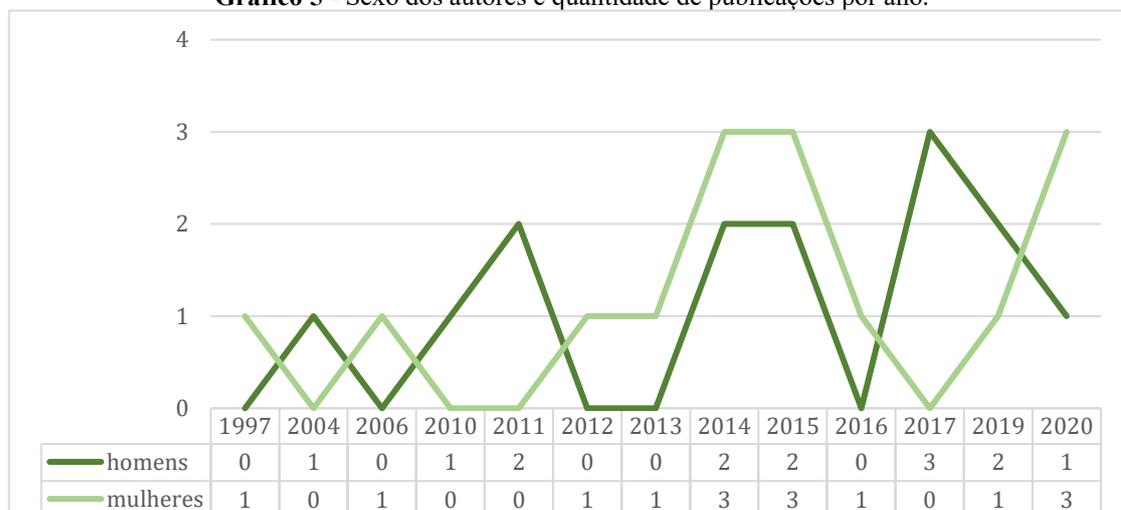
Fonte: da autora produzido em 2021

Gráfico 4 - Sexo do/a orientador/a das Dissertações de Mestrado



Fonte: da autora produzido em 2021

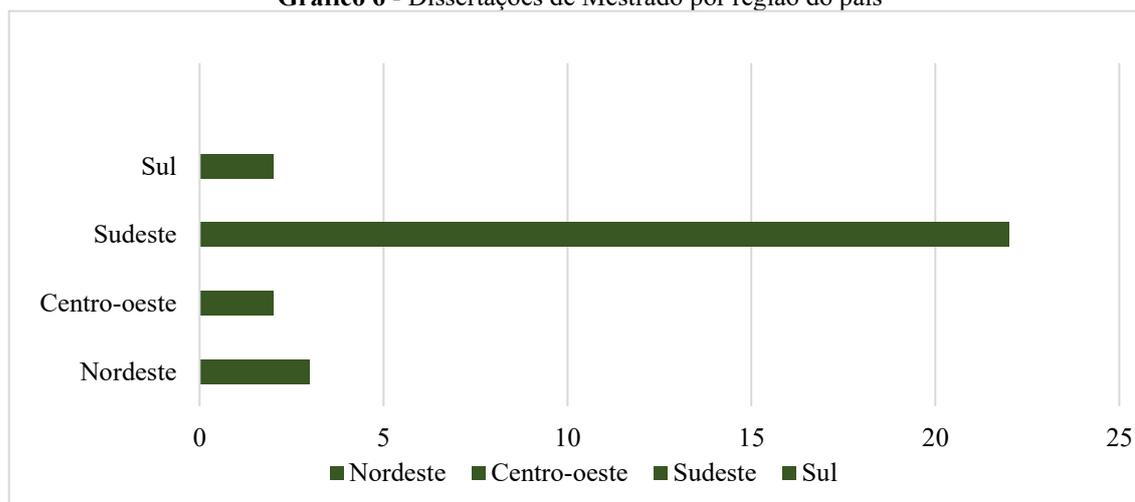
Se cruzarmos os dados do sexo dos autores e a quantidade de publicações por ano, podemos ver que, no decorrer dos anos, há um aumento de homens interessados no tema em questão. Conforme mostra o Gráfico 5 entre os anos de 2014 e 2015 observamos um crescimento sendo que seu ápice se dá no ano de 2017.

Gráfico 5 - Sexo dos autores e quantidade de publicações por ano.

Fonte: da autora produzido em 2021

Observamos que, no período de 1997 a 2006 há apenas uma pesquisa realizada por um homem em 2004. A partir de 2011 há um aumento para duas pesquisas no ano realizada por homens, sendo que este número se repete em 2014 e 2015 e, em 2017, este número sobe para três pesquisas no ano. Já em 2020 este número volta a baixar, apresentando apenas uma pesquisa realizada por investigador homem.

Quanto as regiões do país, onde as pesquisas foram desenvolvidas, a maior parte delas foram realizadas no Sudeste, mas também estão presentes nas demais regiões do Brasil como podemos conferir no Gráfico 6:

Gráfico 6 - Dissertações de Mestrado por região do país

Fonte: da autora produzido em 2021

Como podemos observar, a maior parte das pesquisas sobre a temática foi realizada em programas de pós-graduação provenientes da região Sudeste, contabilizando um total de 22

dissertações, na região Nordeste contabilizamos três pesquisas sobre a temática e, nas regiões Sul e Centro-oeste do Brasil, localizamos duas pesquisas em cada região.

Chama a atenção que o volume de pesquisas realizadas no Sudeste brasileiro seja, evidentemente, maior que o de outras regiões. Sabemos que esta região concentra o maior número de programas de pós-graduação, mas, quais seriam os grupos de pesquisa destas/es pesquisadoras/es? O que levaria tantas/os mestrandas/os e doutorandas/os e professoras/es desta região a se interessarem por esta temática? Em uma pesquisa aos currículos dos professores orientadores na plataforma Lattes, encontramos mais de 40 grupos de pesquisas diferentes, entre os professores orientadores, que realizaram as pesquisas relacionados com a temática de gênero e sexualidade, formação de professores e direitos humanos, mas nenhum deles estão vinculados a um mesmo grupo. Na busca, nos interessamos em atentar para o fato de algum pesquisador/a se destacar em termos de quantidade de orientações e, somente contabilizamos duas pesquisas de mestrado orientadas pela mesma pesquisadora Luciana Maria Giovanni. A professora coordena o Grupo de Pesquisa Docência em suas múltiplas dimensões, e orientou as pesquisas de Josué Durval Aguiar e Michelle Mariano Mendonça. Entre os grupos de pesquisa, considerando sua variedade destacamos: o GSEXs Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades da Universidade Estadual Paulista (UNESP) coordenado pela professora Célia Regina Rossi, que possui um projeto em parceria com o LabEduSex da Universidade Estadual de Santa Catarina, demonstrando ainda relações entre grupos de pesquisas interinstitucionais e que rompem as fronteiras regionais, mesmo constatando que esta região Sudeste possui uma grande rede de pesquisadores voltados às questões que permeiam as relações de gênero na escola. Com base nos grupos de pesquisas, atentamos ao fato de que a maioria destes grupos são voltados ao estudo de gênero e sexualidade.

Segundo Santos (2019), em levantamento de pesquisas publicadas na Anped entre os anos 1996 e 2017, no GT 07 grupo de trabalho com a temática Educação da Criança de Zero a Seis Anos e no GT 23, que agrupa pesquisas referente a Gênero, Sexualidade e Educação, os estudos sobre infância, educação infantil e gênero são produzidos em maior número no campo dos estudos feministas.

[...] na pesquisa educacional brasileira, a discussão sobre gênero, infância e Educação Infantil apresenta maior ressonância no âmbito dos estudos feministas do que na área de estudos e pesquisas sobre Educação Infantil, haja vista que em 13 anos de existência o GT 23 apresenta 13 trabalhos e em 21 anos o GT 07 apresenta oito trabalhos (SANTOS, 2019 p.3)

Os dados e a análise de Santos (2019) se aproximam do que encontramos em nosso levantamento e ao contrário do que imaginávamos, poucos grupos de pesquisa sobre Educação e Infância possuem pesquisas com temas referentes a gênero, sendo estas, mais recorrentes entre pesquisadores e grupos de pesquisas sobre gênero e sexualidade. Ou seja, acompanhando a tendência nacional das investigações sobre gênero na educação infantil, a pesquisa sobre professores homens em creches e pré-escolas parece estar na ordem do dia dos grupos de pesquisa sobre gênero, mas ainda se mostra incipiente entre pesquisadores/as da infância e da Educação Infantil.

O levantamento de Teses de Doutorado, como podemos ver no Quadro 3, tem um número bem mais reduzido de produções, com apenas três pesquisas, sendo estas distribuídas por diferentes regiões do país. No Quadro 3 organizamos as pesquisas, com informação do banco, autoria e orientação, universidade, área e ano de publicação.

Quadro 3 - Teses de Doutorado

Banco	Autores(as)/ Título	Ano	Universidade	Área
CAPES	Deborah Tomé Sayão e Ana Batriz Cerisara. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo a partir de professores na creche"	2005	Universidade Federal de Santa Catarina	Educação
CAPES	Eisa Santana dos Santos e Maria Machado Malta Campos. A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	2015	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação
CAPES	Maria da Conceição Silva Lima e Maria Conceição Carrilho de Aguiar. Tornar-se professor: Um estudo sobre a formação de identidades profissionais de professores do sexo masculino dos anos iniciais, a partir de suas trajetórias	2017	Universidade Federal de Pernambuco	Educação

Fonte: da autora produzido em 2021

Assim como no quadro de Dissertações de Mestrado, analisamos também o quadro de Teses de Doutorado considerando os mesmos pontos, ou seja, o sexo das/os autoras/es e orientadoras/es, regiões do Brasil onde as pesquisas foram defendidas, Programas de Pós-Graduação e o ano em que foram publicadas. Quanto ao sexo das/os autoras/es, as três são do sexo feminino e todas as orientadoras são do sexo feminino. Referente às regiões, duas foram realizadas na região Nordeste, uma na região Sul e uma na região Sudeste. Todas as pesquisas foram realizadas em Programas de Pós-Graduação em Educação. Salientamos que a primeira Tese defendida se deu no ano de 2005, pela Deborah Tomé Sayão, sob orientação de Ana

Beatriz Cerisara, sendo esta, referenciada e citada em quase todas produções e publicações sobre a temática, assim sendo, pode ser considerada a pesquisa inaugural e pioneira sobre a temática professores homens na educação infantil nas plataformas pesquisadas no âmbito da pós-graduação em educação.

2.3 EMERSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para realizar as análises dos resumos iniciamos com uma leitura flutuante (BARDIN, 1977), ou seja, um primeiro contato com os resumos das teses e dissertações selecionadas, para conhecer os documentos selecionados e assim definir as categorias de análise.

Categorizar é classificar os documentos que constituem um conjunto, por diferenciação e, em seguida, reagrupar por similaridade. Segundo Bardin (1977 p. 117): “As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”.

Em uma segunda leitura, mais aprofundada dos resumos, grifamos as palavras que melhor definiam o objetivo de cada pesquisa e reunimos em um quadro para análise posterior. Com base nas palavras reunidas que emergiram dos resumos elegemos duas categorias, sendo elas: i) **Ingresso e permanência na docência na Educação Infantil** e; ii) **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil**

Na categoria **Ingresso e permanência na docência na Educação Infantil**, agrupamos as pesquisas que objetivavam compreender o processo de ingresso e os desafios da permanência de professores homens nas instituições de educação infantil. Entre os desafios da permanência se destaca o fato de ser um lugar conhecido como um espaço ocupado por mulheres, em que a presença de um professor homem desencadeia muitos debates e conflitos para a comunidade educativa.

A fim de facilitar a visualização e o entendimento da categorização, apresentamos o Quadro 4 com as palavras agrupadas na categoria:

Quadro 4 - Palavras agrupadas na categoria ingresso e permanência na docência na Educação Infantil

Ingresso e permanência na docência na Educação Infantil	
CATEGORIA	PALAVRAS
Ingresso e permanência na docência na educação infantil	Inserção, ingresso e trajetória, condições de ingresso, período probatório, período comprobatório, ingresso e permanência, desvalorização social, tentativas de segregação, reduzida presença de homens, acolhimento e orientação, ser aceito, valorização e enaltecimento, relações de gênero, igualdade de gênero, papéis sociais de gênero, binarismo de gênero, machismo e sexismo, desnaturalização de estereótipos de gênero, gênero e masculinidade, relações de poder, hierarquia e autoridade, trabalho feminino/feminizado, universo feminino, função materna, divisão sexual do trabalho, discurso e práticas sexistas, compatibilidade entre gênero e funções, fronteiras sexistas, estranhamentos, questionamentos e indagações, “estranhezas”, vigilância constante, suspeitas morais, julgamento de valores, não lugar, excluído, sujeito estranho, fora de lugar, afirmação da heterossexualidade, mudanças no espaço de socialização, entraves comunidade escolar, aptidão profissional contestada, ausência de práticas formativas, dilemas, conflitos, inquietações, estigma, estereótipos, preconceito, discriminação.

Fonte: da autora produzido em 2021

Na categoria **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil** foram selecionadas pesquisas que buscavam conhecer características pessoais dos professores, trajetórias de vida, motivos da escolha profissional, depoimentos e o processo de construção da identidade profissional destes sujeitos como professores na educação infantil.

A fim de facilitar a visualização e o entendimento da categorização, apresentamos as categorias e as palavras agrupadas no Quadro 5:

Quadro 5 - Palavras agrupadas na Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil

Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil	
CATEGORIA	PALAVRAS
Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil	(re)construção da identidade/identitária identidade masculina, identidade do professor homem, identidade docente, configurações identitárias, conhecer os professores homens, identidades individuais, identidade profissional, dinâmicas identitárias, definir o perfil, traçar o perfil, caracterizar o grupo dos profissionais, analisar o professor homem, experiência vivida, histórias de vida, trajetórias de vida, narrativas, depoimentos, memória e experiências motivos da escolha profissional, escolha da profissão, trajetórias profissionais, experiências a partir dos professores e dos seus pares, aproximações, distanciamentos.

Fonte: da autora produzido em 2021

Na continuidade, adentramos nas análises das categorias que emergiram dos resumos selecionados. Inicialmente fazemos uma análise geral das teorias de base utilizadas, autores mais citados, metodologias e procedimentos metodológicos adotados em cada pesquisa. Em um segundo momento realizamos uma análise mais aprofundada das categorias.

3. O QUE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTA SOBRE A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Historicamente a Educação Infantil se constituiu como ocupação profissional feminina e permanece, em sua maioria, constituída por mulheres. Contudo, o número de professores homens na Educação Infantil tem aumentado a cada ano. A presença de professores homens nas instituições de Educação Infantil causa estranhamentos, visto que, para o senso comum, a docência sempre foi uma atividade ‘*naturalmente*’ feminina. Nesse sentido, é muito comum as famílias questionarem a presença de professores homens na docência na Educação Infantil, pois a maior parte dos/as responsáveis afirma ter medo de deixar sua/seu filha/o com professores do sexo masculino, de forma que as famílias ratificam a compreensão de que seria mais seguro professoras do sexo feminino. Mas o que as pesquisas dizem sobre esse assunto? Qual o posicionamento das/os profissionais da área? Das instituições? Qual a experiência de profissionais homens?

Para responder essas perguntas, realizamos um levantamento das teses e dissertações publicadas nas plataformas CAPES e IBICT, nos últimos anos, que abordam o tema “Professores homens na Educação Infantil”. Reunimos um total de 32 pesquisas, sendo 29 dissertações de mestrado e três teses de doutorado. Ressaltamos que não localizamos o resumo nem o texto completo da pesquisa de Saporoli (1997), desta forma o número total de resumos analisados foi 28. Durante a leitura percebemos que a escrita dos resumos não segue um padrão, o que dificultou a análise mais ampla e geral, pois, muitos deles estão incompletos, não explicitam o objetivo da pesquisa ou não apresentam informações importantes como a metodologia e o referencial teórico de base.

Romanowski e Ens (2006), relataram que este problema quanto a qualidade dos resumos é comum e recorrente em pesquisas de levantamento de produção ou em pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação:

[...] nas pesquisas que foram realizadas um significativo número de trabalhos de consultas a resumos apresenta estas limitações, de tal modo que, ao estabelecer como critério respeitar a caracterização do estudo feita pelo pesquisador, declarada no resumo, pode dificultar a harmonização necessária para a análise. Ao se deparar com resumos restritos, sem especificação do tipo de estudo pelo autor, esta especificação passa a ser definida após a leitura do resumo, pelo contexto em que foi realizada a pesquisa e pelas técnicas usadas para coletar os dados (ROMANOWSKI; ENS (2006, p. 47).

Assim como Romanowski e Ens (2006), também Borba (2004) contribui com a crítica e a demarcação da importância do cuidado na redação dos resumos, pois, o resumo não deve ser uma simples redução do texto, mas sim, uma explicação clara da ideia global do texto original, para isso é necessário que o produtor utilize regularidades próprias deste gênero textual. A norma NBR6028 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) define o termo resumo como “uma apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto” e propõe regras de acordo com o objetivo e extensão de cada resumo.

Quanto as metodologias e os procedimentos metodológicos utilizados nas pesquisas, buscamos reunir as informações, a partir da leitura dos resumos. Um primeiro dado a destacar é que todas as pesquisas sobre a temática são de caráter qualitativo. Dos 28 resumos analisados das dissertações e dos três resumos das teses, um total de doze pesquisas, sendo nove dissertações e três teses, não mencionam, diretamente, em seus resumos, o tipo de pesquisa, mas usam termos como “análise do discurso”, “análise do material”, “análise de entrevistas” e “análise das trajetórias”, termos que, ao cruzarmos com as metodologias de geração de dados, entendemos como qualitativos. Os procedimentos metodológicos citados nos resumos indicam a utilização de entrevistas, depoimentos, formulários e questionários e registros de observação das atividades nas instituições de ensino.

Sobre o referencial teórico escolhido para embasar as pesquisas, nem todos apresentaram os autores em seus resumos. Das 28 dissertações analisadas apenas nove citaram os nomes dos autores utilizados. Das três teses selecionadas, nenhuma delas citou os autores utilizados como referencial teórico, sendo que algumas delas informaram a teoria de base como: Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici e Denise Jodelet e o conceito de “gênero” como categoria de análise proposta por Apple e Scott.

A partir disto, conforme apresentamos na metodologia, com a leitura dos resumos emergiram duas categorias de análise que foram agrupadas com base nos temas mais recorrentes nos resumos. As categorias foram assim nomeadas por nós: i) **Ingresso e permanência do professor homem na Educação Infantil** e ii) **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil**. Importante destacar que, Bardin (1997) indica que ao codificar o material (*unidades de registro* e *unidades de contexto*) para a produção de um sistema de categorias é preciso atentar para algumas qualidades: i) *exclusão mútua* (exclusividade), a qual define que um elemento do conteúdo não deve ser classificado em mais de uma categoria; ii) *homogeneidade*, a qual indica que uma única dimensão de classificação

deve orientar a definição das categorias; iii) *pertinência*, quando a categoria definida corresponde ao aporte teórico e aos objetivos previstos para a pesquisa; iv) *objetividade e fidelidade*, e; v) *produtividade*, a qual define que um conjunto de categorias deve fornecer resultados significativos. Nós, no entanto, optamos, em não seguir a qualidade da *exclusão mútua* (exclusividade), a qual define que um elemento do conteúdo não deve ser classificado em mais de uma categoria. Assim, optamos, intencionalmente, em classificar o mesmo elemento (resumo da dissertação ou tese) em diferentes categorias para desenvolver as análises, de forma que uma mesma *unidade de contexto* foi repetida em uma mesma categoria ou em categorias diferentes, sendo identificadas nos quadros das categorias que apresentaremos.

Destacamos que, a maior parte das pesquisas, trata da permanência e vivência do professor homem na Educação Infantil e que tais estudos foram agrupadas na primeira categoria e, apenas duas dissertações de mestrado e três teses de doutorado, tratam em pesquisas exclusivamente a respeito das identidades destes profissionais e foram agrupadas na segunda categoria.

Na categoria **Ingresso e permanência de professores homens na Educação Infantil**, reunimos as pesquisas que buscam compreender quais os maiores desafios dos professores homens ao ingressarem nas instituições de ensino, como superam os preconceitos e qual tem sido o papel das instituições na trajetória docente destes profissionais.

Na categoria **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil** reunimos as pesquisas que demonstram preocupação em entender um pouco mais sobre as identidades individuais e profissionais dos professores homens. Apesar de poucas pesquisas se debruçarem sobre essa temática, é de grande interesse conhecer mais sobre as identidades dos professores homens, visto que no, Brasil, é uma profissão relativamente nova e, majoritariamente, feminina.

3.1 INGRESSO E PERMANÊNCIA DOS PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta categoria, denominada **Ingresso e permanência do professor homem na Educação infantil**, reunimos as pesquisas que abordam alguns dos desafios que os professores homens enfrentam desde o ingresso na profissão como docentes na Educação Infantil. Também trazem elementos para compreender qual tem sido o papel das instituições para superar estes

obstáculos na/da inserção e permanência destes profissionais. Os resumos aqui analisados, mostram que os obstáculos para ingressar na carreira docente iniciam já na graduação com a falta das discussões e reflexões sobre gênero, o que, por consequência, repercute em uma rotina permeada de estigmas, preconceitos e medo por parte das/os colegas profissionais, referentes familiares e de toda a sociedade.

A partir da leitura dos resumos e seleção de palavras que melhor representavam os temas pesquisados, reunimos nessa categoria o maior número de pesquisas, somando um total de 25 pesquisas, todas dissertações de mestrado.

O quadro 6 mostra o tipo da pesquisa, as/os autoras/es, os títulos das pesquisas e a categoria a qual foram agrupadas.

Quadro 6 - Títulos da categoria desafios do ingresso e permanência dos professores homens na Educação Infantil

Tipo	Autores(as) /Título	Categoria
Dissertação	Janaína Rodrigues Araújo (2006). Relações de gênero na educação infantil: um estudo sobre a reduzida presença de homens na docência.	PERMANÊNCIA
Dissertação	Mára Isis de Souza (2010). Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais	PERMANÊNCIA
Dissertação	José Edilmar de Sousa (2011). Por acaso existem homens professores de Educação Infantil? um estudo de casos múltiplos em representações sociais.	PERMANÊNCIA
Dissertação	Joaquim Ramos (2011). Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de belo horizonte M.G.	PERMANÊNCIA
Dissertação	Patrícia Gouvêa Nunes (2013). Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	Fernanda Francielle de Castro (2014). O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente a feminização do magistério	PERMANÊNCIA
Dissertação	Wagner Luiz Tavares Gomides (2014). Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Mariana Kubilius Monteiro (2014). Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Lilian Borges dos Santos (2014). Gênero e Educação Infantil: O trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Peterson Rigato da Silva (2014). Não sou pai, nem tio, sou professor! A docência masculina na educação infantil	PERMANÊNCIA

Tipo	Autores(as) /Título	Categoria
Dissertação	Ana Márcia de Oliveira Carvalho (2015). Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz	PERMANÊNCIA
Dissertação	Karine Jacque Hentges (2015). Homens na Educação Infantil: O que pensam as diretoras sobre isso?	PERMANÊNCIA
Dissertação	Luciano Gonçalves Teodoro (2015). O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista	PERMANÊNCIA
Dissertação	Bruno Leonardo Bezerra da Silva (2015). A presença de homens docentes na educação infantil: Lugares (des)ocupados	PERMANÊNCIA
Dissertação	Michelle Mariano Mendonça (2016). Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão	PERMANÊNCIA
Dissertação	Rodrigo Ruan Merat Moreno (2017). Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	Waldinei do Nascimento Ferreira (2017). As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte	PERMANÊNCIA
Dissertação	José Durval Aguiar Junior (2017). Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	Thiago Terres (2019). Desafios de ser gestor homem nos centros de Educação Infantil do município de São Paulo	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	Adriana Cristina de Oliveira (2019). Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	PERMANÊNCIA
Dissertação	Gabriel Hengsternberg Bonifácio (2019). A profissionalização do docente masculino da Educação Infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Hugo Leonardo Marangoni de Oliveira Santos (2020). Bendito entre as mulheres: Um estudo sobre a presença de professores homens na Educação Infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Clemerson Elder Trindade Ramos (2020). Quem tem medo do lobo mau? inquietações e medos sobre o trabalho do homem na Educação Infantil	PERMANÊNCIA
Dissertação	Denis Cardoso Maciel (2020). Ampliando a perspectiva sobre professores homens na Educação Infantil: a caracterização desta realidade em São José do Rio Preto-SP	PERMANÊNCIA
Dissertação	Jéssica Fávaro (2020). Professores Homens: Suas trajetórias na Educação Infantil	PERMANÊNCIA

Fonte: produzida pela autora em 2022.

Ao analisarmos os resumos desse conjunto de pesquisas buscamos observar quais teóricos e quais referenciais teóricos eram predominantes. Cabe destacar que, entre os títulos classificados como “Profissionalidade do professor”, nenhum autor ou teórico foi citado nos resumos. As pesquisas que agrupamos em duas categorias (não seguindo a qualidade da *exclusão mútua* - exclusividade) citam autores como: Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Marília Pinto Carvalho, Maria Madalena Silva de Assunção, Flúvia Rosemberg, que embasam as teorias de gênero; Robert Connel, Pierre Bourdieu, autores que tratam sobre masculinidades; António Nóvoa, Maria do Céu Roldão, Michaël Huberman, Michael Apple, que pesquisam sobre currículo e sobre docência e; Judit Falk, Maria Carmen Barbosa, sobre Educação Infantil. Estes são temas que perpassam as pesquisas sobre professores homens na Educação Infantil, nota-se uma baixa presença de autoras/es que tratam do tema das “masculinidades”.

Uma análise mais detida dos resumos evidencia que, em muitas pesquisas, se tematiza que, desde formação inicial em Pedagogia, os homens que de alguma forma se interessam pela docência na Educação Infantil enfrentam desafios relacionados às relações de gênero, como podemos ler no excerto dados resumos dos trabalhos de Castro (2014) e Silva (2015):

[...] de um modo geral, a entrada dos homens na pedagogia e a sua reinserção no exercício docente nesses segmentos da educação provocam reações de preconceito e estigma (Fernanda Francielle de Castro, 2014).

[...] lacunas da formação inicial e continuada de educadores infantis, enfatizando que, de modo geral, os cursos que formam professores para atuar em instituições de Educação Infantil tendem a desconsiderar a inserção profissional de homens nessa etapa de ensino (Bruno Leonardo Bezerra da Silva, 2015).

Para além dos enfrentamentos dos preconceitos e estigmas, tanto no âmbito das políticas públicas, quanto nas relações profissionais e sociais, quando professores homens decidem pela docência na Educação Infantil em espaços de creche e pré-escola, precisam ainda enfrentar o fato de que na sua formação inicial, muitos cursos de pedagogia ainda não abordam gênero como uma questão central de discussão. Observa-se, principalmente, uma ausência de discussões referentes aos estudantes e futuros profissionais homens como mencionam e tematizam algumas das pesquisas reunidas nessa categoria e ratificado na pesquisa de Zimmer (2021) ao analisar os currículos dos cursos de Pedagogia da Acafe:

Esse sistema de *raciocínio generificado* [e racializado] opera como constituidor tanto de políticas educacionais e curriculares da educação básica quanto do ensino superior, o que compromete a formação inicial de licenciatura em Pedagogia e o próprio exercício da docência com as crianças que, como sujeitas de direitos que são, reivindicam compreensões mais aprofundadas das/os professoras/es acerca das

complexas relações que estabelecem em contexto institucional educativo e escolar. (ZIMMER, 2021 p.121, grifos no original).

A falta de formações e reflexões sobre as relações de gênero e os padrões masculinos e femininos que são impostos pela sociedade, faz com que o ingresso na carreira docente seja ainda mais desafiador, já que os estranhamentos não se limitam somente aos familiares e responsáveis pelas crianças, mas, também pelas/os próprias/os colegas profissionais de trabalho.

Os resultados encaminham para reflexões que envolvem estereótipos, discriminação, julgamento de valores, medo e desvalorização social do lugar ocupado por esses homens e seu trabalho na Educação Infantil (Clemerson Elder Trindade, 2020).

O sistema educacional ainda não está preparado para receber tal profissional e dar suporte aos envolvidos, já que não há ações específicas para acolhimento e orientação desses profissionais, em sua atuação nas creches (Josué Durval Aguiar Junior, 2017).

Percebeu-se que muitos dos olhares que os educadores possuem de si se aproximam da visão de grande parte das pessoas, ou seja, ainda com preconceito. Assim, tentam evitar determinadas atitudes por receio das ideias que poderiam ser criadas pelas demais pessoas da comunidade escolar e da sociedade (Adriana Cristina de Oliveira, 2019).

Esses dois ingredientes, por um lado, a ausência de disciplinas e discussões na formação inicial levando ao despreparo do professor homem (ao chegar em ambiente desconhecido, majoritariamente ocupado por mulheres) e das professoras mulheres (que tampouco tiveram formação acerca das implicações das relações de gênero na docência) e, por outro, emersão e perpetuação dos preconceitos e estereótipos de gênero, cria um cenário perfeito para as reproduções de uma prática docente que reforça os estereótipos masculinos e femininos já tão conhecidos em nossa sociedade e que comprometem a formação das crianças.

[...] esse não conhecimento precisava, em muitas situações, de alguma resposta e encaminhamento imediato, os quais se davam sob uma postura de negação, ou reprimendas, sobretudo, quando as situações envolviam questões de gênero e sexualidade ou, quando as crianças criavam capacidades de se relacionar com outras crianças e adultos por meio dessa dimensão corporal que não correspondiam aos padrões tidos como ‘normais’ ou civilizados (BUSS-SIMÃO, 2012a, p. 28).

Se nos espaços formativos e, entre os profissionais da área, as relações de gênero ainda nos trazem questionamentos e os determinismos biológicos ainda não foram superados, para a comunidade educativa parece ser um assunto ainda mais distante. Em muitas pesquisas, evidenciamos que a presença de um professor homem gera desconforto e desconfiança entre as/os profissionais e para muitas famílias, como podemos ler nos excertos que seguem:

A presença do sexo masculino gera questionamentos por parte da comunidade escolar e das famílias, principalmente no que se refere aos cuidados corporais de higiene na relação corpo do adulto/corpo da criança. Estudos apontam que faz parte do imaginário social associar a profissão da docência às mulheres (Ana Márcia de Oliveira Carvalho, 2015).

Os professores de educação infantil atuantes em Centro de Educação Infantil sofrem preconceito por parte da comunidade escolar nas esferas pessoal (orientação sexual, temperamento e conduta social) e profissional (competência técnica, formação, experiência com a faixa etária e motivos que os levaram a escolher a carreira). (Josoé Durval Aguiar Junior, 2017).

Em meio a tantas problemáticas, algumas instituições optam por direcionar os professores homens para a docência com crianças maiores, que já possuem mais autonomia nas demandas de higiene e com menor necessidade de ações de cuidados corporais, ou ainda, à cargos de gestão e setores administrativos. Como podemos ler nos excertos que seguem:

Foram observadas tentativas de segregação entre professores e crianças, operadas na forma de direcionamento de turmas mais velhas aos homens professores, mudança de crianças para outra turma ou abaixo-assinado para retirada do professor definitivamente da sala (Mariana Kubilius Monteiro, 2014).

[...] ao ingressarem nas escolas, esses docentes homens são “naturalmente” encaminhados para as funções de apoio ou para as turmas de crianças maiores – que, normalmente, demandam menos ações relacionadas ao cuidado corporal (Joaquim Ramos, 2011).

Essa realidade observada nas pesquisas e nos excertos recortados por nós ganham mais densidade com as iniciativas conservadoras como o projeto “Escola sem Partido” e outras campanhas que seguem esta linha reacionária. Tais iniciativas têm como foco, proibir uma suposta “ideologia de gênero”, defendida por religiosos e conservadores como doutrinação ideológica. Importante ter em alerta que esse entendimento equivocado e difundido por esses movimentos não reflete as concepções de gênero presente na educação, nas práticas docentes e/ou nos cursos de formação inicial e continuada de professoras/es, no entanto, estas propostas distorcidas, impulsionam o imaginário popular para desconfiança de professoras e professores, fortalecem os preconceitos e a perpetuação da família patriarcal e das funções “naturais” de mulheres e homens.

Nessa mesma perspectiva, os Projetos de Lei propostos em diversos estados do Brasil que pretendem proibir professores homens de realizar cuidados corporais e higiene de crianças da Educação Infantil, reforçam a divisão sexual do trabalho. Nas pesquisas reunidas em nosso levantamento, essa foi também uma situação, frequentemente relatada, em que algumas

instituições determinam que os professores homens deveriam designar as ações relativas aos cuidados corporais das crianças às professoras mulheres. Algumas equipes diretivas, optam por designar a higiene e cuidados corporais, exclusivamente às professoras mulheres.

[...] há divisão de tarefas entre professores e auxiliares e isso se intensifica quando os profissionais são homens, sendo que esses dificilmente realizam tarefas de contato corporal com as crianças. (Karine Jacque Hentges, 2015).

Os resultados indicaram que a presença da figura masculina surte efeitos contraditórios sobre o cotidiano destes profissionais, pois, ao mesmo tempo que produz tensão e vigilância constantes sobre o professor homem, cria, paradoxalmente, zonas de maior valorização e enaltecimento da força de trabalho masculina. De tal condição, constata-se, resulta a existência de uma dinâmica reprodutora da própria divisão sexual do trabalho no interior da escola que, frente às diferentes suspeitas morais que recaem sobre os homens, reserva a eles lugares de menor exposição, redirecionando parte das responsabilidades a seus pares, que, não arbitrariamente, é composta majoritariamente pela força de trabalho feminina. (Hugo Leonardo Marangoni De Oliveira Santos).

Contudo as divisões de trabalho frequentemente são baseadas em uma perspectiva biológica, em que o sexo define as possibilidades profissionais. Com base nesse esquema binário, por exemplo, as práticas envolvendo cuidado são socialmente menos valorizadas por serem consideradas “naturais” para as mulheres e continuam sendo designadas a essas profissionais, tendo pouco ou nenhum reconhecimento. Segundo Vianna (2002, p. 91):

O esquema binário que situa o masculino e o feminino como categorias excludentes estende-se para definições do que é ser homem e do que é ser mulher, professor e professora em nossa sociedade. Essa dicotomia cristaliza concepções do que devem constituir atribuições masculinas e femininas e dificulta a percepção de outras maneiras de estabelecer as relações sociais.

Com base nessas concepções também surgem os questionamentos sobre a capacidade de um homem realizar tarefas entendidas, ainda, como femininas e as desconfianças quanto a moralidade deste profissional. O principal medo é o da prática de abusos sexuais ou a pedofilia. O medo da possível agressão se consolida pela ideia de masculinidade em que homem é sempre forte, viril e impõe sua força física para obtenção de suas necessidades. Segundo Bello, Zanette e Felipe (2020, p. 563): “Essa masculinidade específica nos conduz a formação de um “homem” que é portador de uma sexualidade incontrolável, sujeito que escapa à cultura, que se constitui a partir de seus instintos mais básicos”.

Bello, Zanette e Felipe (2020, p. 563) também expõem que a forma como a mídia e outros veículos denunciam a pedofilia, reforça que a ideia de que o abuso sexual das crianças é exclusividade de homens. Alertam ainda, que embora em números significativamente menores,

também há denúncias de agressões feitas por mulheres e que segundo os dados “[...] entre 2011 e 2017 houve um registro de 4% de mulheres autoras de violência sexual contra crianças e adolescentes” (SETUBAL et al, 2019 apud BELLO, ZANETTE E FELIPE, 2020, p. 563). Além disso, o Ministério da Saúde (2019) aponta que a maioria dos abusos ocorre por membros da família (29%) ou por alguém conhecido da vítima (60%).

O Trabalho de Conclusão de Curso de Lia Siqueira (2021) nos ajuda a compreender um pouco mais o pânico moral que esses movimentos conservadores desejam provocar na população, ao analisar comentários de internautas reagindo ao Projeto de Lei nº 1174/2019 de Janaina Paschoal que pretende proibir homens de dar banho em crianças em creches e pré-escolas. Os comentários demonstram a recusa das atividades de cuidado realizada por professores homens devido a vulnerabilidade das crianças e a incapacidade de se proteger, sendo que, como destaca Siqueira (2021), estas inseguranças estão relacionadas com o medo da pedofilia. A pesquisa também traz comentários que mostram a rejeição a presença de um profissional LGBTQIA+, por medo de contágio e, a hipersexualização de homens negros, como indivíduos sexualmente insaciáveis. Siqueira (2021, p. 41) ressalta que:

[...] comentários de internautas, em sua maioria, (sic)apresentaram um discurso de ódio como pano de fundo, ora mais sutil, ora de forma deliberada, para expressar livremente a homofobia, machismo, transfobia, conservadorismo e o fundamentalismo religioso, entre outros.

Esse ideário que retroalimenta a compreensão do homem ser em potencial um agressor, faz com que a aceitação pelas colegas professoras e, a comunidade educativa em geral, passe, por um período mais longo e de profunda observação, até que se estabeleça uma relação de confiança está presente em muitas das pesquisas reunidas nessa categoria, permeando os processos de **ingresso e permanência do professor homem na Educação Infantil** como podemos observar nos excertos que seguem:

[...] desafios ao ingressar na carreira, tais como reservas das colegas e maior tempo para mostrar competências e ser aceito em um ambiente majoritariamente feminino. Estes desafios podem ser explicados em virtude das regras e dos padrões de comportamento socialmente esperados – heteronormas, assim como suspeitas de pedofilia, que recaem principalmente em pessoas do sexo masculino (Lilian Borges dos Santos, 2014).

Nesse sentido, uma das principais constatações da dissertação é que, para além do período probatório exigido legalmente, todos os professores homens abordados na pesquisa necessitaram de um tempo para demonstrarem as competências e as habilidades com a educação e o cuidado das crianças pequenas matriculadas nas

instituições públicas de educação infantil do município – categorizado, aqui, como período probatório (Joaquim Ramos, 2011).

A pesquisa de Ramos (2011 p. 61), traz um elemento que, no âmbito das investigações sobre a temática, tem sido recorrentemente mencionado quanto ao ingresso de professores homens na Educação Infantil, que se refere ao fato de, além de cumprirem, no âmbito legal o “estágio probatório” estabelecido por lei, necessitam passar por um “estágio comprobatório”.

[...] esses professores precisam oferecer provas de idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças. Dessa forma, eles vivenciam uma espécie de período probatório antes de serem, efetivamente, aceitos como integrantes das equipes de profissionais que cuidam de crianças pequenas e as educam (Joaquim Ramos, 2011).

Mesmo para aqueles professores redirecionados a outros cargos ou os que tiveram seus “períodos comprobatórios” (Ramos, 2011) conquistados, outro ponto a ser superado e que permeia os processos de **ingresso e permanência do professor homem na Educação infantil** é o fato de a figura masculina continuar sendo um referencial de poder e autoridade para as crianças ou até mesmo para as/os colegas.

Além de investigar como a docência masculina na educação infantil altera e/ou reforça as redes de poder marcadas pelo machismo e sexismo, as quais determinam uma hierarquia entre os sexos e as relações de gênero (Peterson Rigato da Silva, 2014).

[...] figuras masculinas (re)produzidas no cotidiano da Educação Infantil, cujas representações discursivas constroem o homem como “perigoso”, “poderoso” e “respeitado”, ajudando a perpetuar os vínculos histórica e culturalmente estabelecidos entre a figura masculina e as imagens de autoridade, liderança, comando, ao mesmo tempo em que reforça o suposto caráter natural das relações entre a figura feminina e o cuidado infantil (Bruno Leonardo Bezerra da Silva, 2015).

Apesar dos estranhamentos, é comum que professoras mulheres tratem os professores homens como uma autoridade perante as crianças, as decisões ou negociações para um bom comportamento, por vezes, são transferidas a um professor homem, reafirmando a masculinidade baseada na figura do homem bravo, racional e decidido, enquanto as professoras mulheres seriam doces e mais permissivas. Segundo Santos (2016, p.225): fundamentando-se em Montserrat Moreno (1999) considera que “mesmo as mulheres – e por que não pensar nas mulheres professoras? – se organizam socialmente a partir de uma visão de mundo androcêntrica, que privilegia os homens promovendo a inferiorização feminina”. Assim, como alerta Vianna (2002) no âmbito educacional, sobretudo na educação básica, mesmo com a

feminização da docência, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos: “Nesse sentido, a utilização do gênero como categoria explicativa de análise ganha enorme utilidade para a compreensão da divisão/segregação sexual do trabalho contida na feminização da docência” (VIANNA, 2002 p.92).

A relevância de se tematizar as relações de gênero, ganham ainda mais importância, pois, como indica Santos (2016), essas práticas são percebidas pelas crianças e contribuem para a formação das relações de gênero das crianças.

[...] sendo as crianças atores sociais engajados na dinâmica social e que, portanto, são capazes de produzir sentidos e significados para as ações e relações sociais vivenciadas entre si e na convivência cotidiana com os adultos, esse empoderamento da figura masculina e essa sujeição da figura feminina realizada pelo professor e pela professora também foi percebida pelos/as pequenos/as. (SANTOS, 2016 p. 233).

Quanto a superação destes problemas, somente duas pesquisas apontam a conquista destes desafios e mostram que, investir em formação e o tempo foram aliados nas desconstruções de um padrão imposto na sociedade e contribui para os processos de **ingresso e permanência do professor homem na Educação infantil**, como podemos ler nos trechos selecionados:

[...] foi possível evidenciar como esses são passíveis de superação ao longo do tempo pelos diferentes sujeitos e comunidades, modificando as relações e as concepções sobre esses professores atuantes na Educação Infantil, sendo um processo que demanda tempo, resiliência e posturas por parte destes profissionais e de toda a equipe escolar. Em relação as suas práticas, fica evidente que são bem avaliadas pelas comunidades escolares e contribuem para evidenciar que o sexo não é fator condicionante ao exercício da profissão, mas sim a formação específica para a função (Denis Cardoso Maciel, 2020).

[...] não encontrar dificuldades em trabalhar em um ambiente predominantemente feminino e que sentem satisfação no exercício da profissão ao perceberem o desenvolvimento da criança ao longo do ano. Apontam a relação cuidar/educar/brincar como eixo principal da ação profissional e que eles não se separam quando estão trabalhando com a criança. Não pensam em sair da sala de aula e do contato com as crianças da educação infantil (Luciano Gonçalves Teodoro, 2015).

Os excertos dos resumos acima, demonstram a importância da formação, sobretudo inicial, para atuação na área da Educação Infantil. É sabido que durante muitos anos as crianças pequenas de 0 a 6 anos eram cuidadas por mulheres leigas e com foco no assistencialismo. Somente com a promulgação da LDB 1996 a Educação Infantil passa a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica e, assim, a carreira de docente da Educação Infantil passa a se equiparada a carreira de professoras/es da Educação Básica.

A obrigatoriedade da formação superior para atuação na Educação Infantil tem base e fundamento no compromisso com a qualidade da educação, como indicam Rocha e Buss-Simão (2018 p.03) “[...] esse contexto de mudanças na/da Educação Infantil brasileira traz para o âmbito das políticas públicas educacionais um compromisso ético com a qualidade ofertada, especialmente pelos sistemas municipais de educação”.

Além disso, para garantir a qualidade da educação e assegurar os direitos das crianças que frequentam as instituições de Educação Infantil, é indispensável que as/os docentes tenham conhecimento referente a diversas dimensões que envolvem a educação das crianças em contexto institucional, como afirmam Nunes, Corsino e Kramer (2011):

[...] trabalhar em creches e pré-escolas exige, das profissionais, conhecimentos do desenvolvimento infantil, de questões curriculares e pedagógicas, da função cultural e social da creche e da escola, relevantes para a elaboração de propostas pedagógicas, organização do tempo e espaço, planejamento e registro de atividades, acompanhamento de cada criança e dos projetos realizados, da relação com as famílias e comunidade, aspectos complexos que demandam formação.

Desta forma, entendemos que a formação inicial em nível superior é também um modo de assegurar que as crianças e suas famílias terão seus direitos respeitados, incluído uma educação pública e de qualidade, desde a primeira etapa da Educação Básica. A defesa pela exigência e qualificação da formação, têm sido, ao longo dos anos, uma luta no processo de constituição da área da Educação Infantil. Compreendemos, que esta deve ser também a tônica com a qual devemos enfrentar os desafios e a presença dos professores homens, ou seja, a exigência da formação profissional para o exercício da docência. Contudo, alertamos que os currículos dos cursos superiores e as formações continuadas enfrentem essa ausência na formação e busquem contemplar as discussões referentes as relações de gênero e quanto à docência masculina.

3.2 PROFISSIONALIDADE DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Reunimos nesta categoria **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil** os resumos de pesquisas que buscam compreender quem são os professores homens, como constituem sua profissionalidade e sua identidade docente e porque escolheram a carreira docente na Educação Infantil. No total foram selecionadas nove pesquisas, sendo seis dissertações de mestrado e três teses de doutorado.

Sabemos que, historicamente, a docência na Educação Infantil é constituída por mulheres, porém, nos últimos anos a presença de professores homens tem aumentado e tem sido tema de pesquisas e, ao mesmo tempo, despertado a atenção de movimentos conservadores que buscam ratificar, com base em concepções biológicas e excludentes de gênero, a não possibilidade de professores homens atuarem na Educação Infantil.

Compreendemos esses fatos como grandes desafios no processo de construção da profissionalidade e da identidade docente dos professores homens na educação infantil, visto que a construção das identidades profissionais é resultado de diversos processos de socialização, que envolvem tanto a construção de si quanto das instituições sociais, pois como indica Dubar (2005 *apud*. Sousa e Melo, 2017)

A identidade do professor pode ser compreendida como particular e ao mesmo tempo distinta: é constituída pela identidade pessoal e profissional, sendo definida pelo equilíbrio entre as características pessoais e profissionais. Sabe-se, também, que esta identidade é constituída a partir das relações sociais estabelecidas com a instituição educativa e os demais sujeitos que dela participam cotidianamente influenciando nessa construção (DUBAR, 2005).

Levando em conta que a construção das identidades profissionais não se faz só individualmente, mas, coletivamente nos processos de socialização, buscamos entender quem são os professores que optam pela carreira docente na Educação Infantil e como se constituem profissionalmente diante dos empasses impostos pelas relações de gênero.

Como parte do processo de construção dessa profissionalidade e identidade docente, alguns pontos importantes emergem das pesquisas: o corpo como especificidade da docência na Educação Infantil e a dimensão brincalhona; a postura mais severa e rígida adotada enquanto professor e; os questionamentos quanto a sexualidade.

Diferentemente dos resumos agrupados na primeira categoria, nesse conjunto de resumos, a menção aos autores base foram mais recorrentes. Ao analisarmos o referencial teórico os autores citados nos resumos foram: Alfredo Veiga-Neto, bell hooks, Claudia Priori, Daiane Antunes Vieira Pincinato, Dagmar Meyer, Deborah Sayão, Guacira Lopes Louro, Joan Scott, Marília Pinto Carvalho, José Edilmar de Sousa, que embasam as teorias de gênero e docência masculina; Arlete Bastos Pereira, Fátima Ferreira Antunes, Giorgio Gambirasio, Maria Montserrat Moreno, Paulo Freire, Peter Berger e Thomas Luckmann, Victor Hell, Zeila de Brito Fabri Demartini, estudiosos da Educação e Sociologia; Michael Apple, Tomaz Tadeu da Silva autores que tratam de currículo, Stuart Hall que trata de estudos identitários e, Altino Martins Filho, Loris Malaguzzi, Moyses Kuhlmann Junior que pesquisam Educação Infantil.

No Quadro 7, apresentamos as pesquisas que agrupamos na categoria **Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil**, o tipo da pesquisa, as/os autoras/es, os títulos das pesquisas e a categoria a qual foram agrupadas.

Quadro 7 - Títulos da categoria Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil

Tipo	Autores(as) /Título	Categoria
Dissertação	Benedita F. Alves (2012). A experiência vivida de professores do sexo masculino na Educação Infantil: Uma questão de gênero?	PROFISSIONALIDADE
Dissertação	Maria Artete Bastos Pereira (2012). Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade	PROFISSIONALIDADE
Dissertação	Patrícia Gouvêa Nunes (2013). Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	Rodrigo Ruan Merat Moreno (2017). Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Dissertação	José Durval Aguiar Junior (2017). Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil	PROFISSIONALIDADE E PERMANENCIA
Dissertação	Thiago Terres (2019). Desafios de ser gestor homem nos centros de Educação Infantil do município de São Paulo	PROFISSIONALIDADE E PERMANÊNCIA
Tese	Deborah Tomé Sayão (2005). Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo a partir de professoras na creche"	PROFISSIONALIDADE
Tese	Eisa Santana dos Santos (2015). A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	PROFISSIONALIDADE
Tese	Maria da Conceição Silva Lima (2017). Tornar-se professor: Um estudo sobre a formação de identidades profissionais de professores do sexo masculino dos anos iniciais, a partir de suas trajetórias	PROFISSIONALIDADE

Fonte: produzido pela autora em 2022.

Ao analisarmos o quadro de títulos categorizados como parte do grupo de pesquisas que abordam o tema das identidades profissionais de professores homens, vemos, com recorrência, termos como construção, formação ou compreensão da docência. Estes termos nos indicam que a profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil ainda é desconhecida e que há uma busca em compreender quem são estes profissionais e o que os levaram a escolher uma área de atuação profissional ainda entendida como feminina, como podemos ler nos excertos que seguem:

O foco da pesquisa está direcionado em conhecer quem são os homens que atuam como educadores na educação infantil, quais os motivos dessa escolha profissional e como trabalham em uma profissão reconhecida socialmente como feminina. (Eisa Santana dos Santos, 2015).

A investigação orientou-se por questões como: existem muitos professores homens nesta etapa da educação básica? Como o professor homem se constitui/se constrói nesse espaço social que é composto majoritariamente por mulheres? Como os pais de alunos(as) e colegas de trabalho percebem o professor homem na educação infantil? (Patrícia Gouvea Nunes, 2013).

Se compararmos com pesquisas relacionadas ao exercício da docência das mulheres na Educação Infantil dificilmente encontraremos questionamentos do porquê escolheram a profissão de docente de bebês e crianças pequenas. Como se a Educação Infantil fosse uma extensão da casa e da maternidade. Muitas vezes, a docência com bebês ainda é entendida como inata às mulheres em decorrência da maternidade e do ser feminino. Segundo Louro (1997, p. 453):

[...] as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”.

Isso ocorre porque os determinismos biológicos ainda não foram superados na nossa sociedade. Esses determinismos biológicos despontam com mais intensidade nas atividades em que o cuidado corporal é necessário. Segundo Scott (1995 p.75):

O termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

A partir disso entendemos que o sexo não define nossas capacidades, mas, sim a construção social e cultural da sociedade em que estamos inseridos é que desenvolve padrões e normativas do que é ser mulher e homem e quais atividades e profissões cada um pode ou não executar.

Na área da Educação Infantil as pesquisas têm apontado que a docência nessa etapa educativa tem singularidades e especificidades, dentre elas, a recorrência e intensidade das relações por meio do contato corporal, sendo este também constituidor e importante para o desenvolvimento das crianças. Segundo Buss-Simão (2021 p. 1551):

A docência na educação infantil, demanda relações e ações educativas e pedagógicas que exigem um corpo disponível, que se movimenta, se doa, se expressa, interage, muda de posições, de acordo com as especificidades dos bebês e das crianças pequenas que buscam uma proximidade corporal.

Segundo Buss-Simão (2021), pesquisas da área como a de Demetrio (2016) Sabbag (2017), Silva (2018) têm apontado a relevância do corpo na delimitação das especificidades da docência na Educação Infantil e a composição de dinâmicas corporais próprias, assim como uma *disponibilidade corporal* como delimitadora das especificidades desta docência. Para Buss-Simão (2021, p. 5152) [...] a *disponibilidade corporal*, em acolher, significar, atender e responder às demandas dos bebês, acarreta compreender essa disponibilidade como conduta pedagógica e delimitadora das especificidades da docência na educação infantil”.

A forma como homens e mulheres lidam com seus corpos e com os das crianças é diferente e, esta diferença, tem fundamentos na construção das relações de gênero, de forma que afeta o exercício da docência. Segundo Prado, Anselmo e Fernandes (2020) a “dimensão brincalhona” é uma das diferenças a ser observada na docência masculina, uma vez que, seus corpos e movimentos foram menos reprimidos a um padrão, como acontece com as meninas e mulheres, os professores homens apresentam uma maior *disponibilidade corporal* em sua “dimensão brincalhona”. Segundo Prado, Anselmo e Fernandes (2020 p. 609):

As pesquisas têm demonstrado que, nesta profissão que está sendo inventada, na qual é necessário que se reaprenda a brincar, movimentar e sentir, os homens têm estabelecido relações diferenciadas com as crianças, por terem desenvolvido uma consciência corporal que abrange maiores possibilidades de interação ao se entregar a uma relação de corpo inteiro com as crianças pequenas.

Apesar da dimensão brincalhona ser mais recorrente na docência de profissionais homens, os desafios enfrentados por estes profissionais interferem diretamente na constituição desta identidade profissional, pois, a brincadeira (apesar de ser eixo constituidor das ações educativas pedagógicas) ainda ocupa um lugar coadjuvante nas instituições e, a docência, nessa etapa educativa, envolve ações de cuidado recorrentes. Sendo assim, nas ações docentes de professores homens, as outras atividades diárias, sobretudo as que envolvem ações de cuidado, estão sempre sob olhar suspeito relacionadas à segurança e integridade física das crianças, o que causa desconforto e distanciamento das crianças, fazendo com que o professor, muitas vezes, adote um comportamento mais sério e rígido. Segundo Santos (2021 p.14):

[...] o professor do sexo masculino, em muitas situações, demarca a sua diferença em relação às professoras por meio da produção de uma pedagogia dura, isto é, um conjunto de práticas de educação e de cuidado que se diferencia daquele realizado

pelas mulheres, já que se pauta por elementos da masculinidade hegemônica, sendo, portanto, marcado pela rigidez, pela imposição da autoridade e, sobretudo, pelo disciplinamento e pelo controle dos corpos das crianças.

O indicativo apresentado por Santos (2021) de que os professores homens, ao exercerem sua docência, demarcam e diferenciam suas ações pautando-se em elementos de uma masculinidade hegemônica, o que levaria a desenvolverem uma “pedagogia dura”, marcada pela rigidez e pela imposição da autoridade, não foi, diretamente, mencionado nos resumos das pesquisas reunidas, no entanto, em muitos resumos observamos a afirmação de que a presença de professores homens reproduz práticas machistas dentro das instituições. Apontamos aqui uma necessidade de mais pesquisas que se debrucem sobre as particularidades da docência de professores homens, sobretudo, para as *dinâmicas corporais* (Silva, 2018) nas ações de educação e cuidado, a fim de, compreender mais e melhor como os professores homens exercem a docência e a *disponibilidade corporal*, em acolher, significar, atender e responder às demandas das crianças pequenas, desde bebês, que dá contorno as especificidades da docência na Educação Infantil.

Além das questões que envolvem a dimensão das relações corporais, os professores homens frequentemente têm sua sexualidade questionada, principalmente, por parte das famílias que temem que seus filhos sejam influenciados a desviar-se da heteronormatividade. Para os professores homens, que não vivenciam a masculinidade hegemônica, o preconceito torna-se ainda maior, pois, segundo Oliveira e Finco (2020 p. 596): “docentes sofrem preconceito quando mostram ‘característica femininas’ ou quando são considerados homossexuais” que aliam discursos de medo e tentativa de proteção as crianças, evidenciam nada mais que a homofobia. Revelam faces do preconceito tanto pelo medo do “contágio”, mas também pela associação da orientação sexual a pedofilia e perversão. Nas pesquisas reunidas nessa categoria esse aspecto também foi recorrente, como podemos ler nos registros que seguem:

[...] no cotidiano escolar a sexualidade masculina é questionada frente à escolha profissional, além da necessidade em provar sua capacidade profissional, diante dos desafios da educação e dos cuidados de meninos e meninas de 0 a 5 anos. (Ana Márcia de Oliveira Carvalho, 2015).

Os professores de educação infantil atuantes em Centro de Educação Infantil sofrem preconceito por parte da comunidade escolar nas esferas pessoal (orientação sexual, temperamento e conduta social) e profissional (competência técnica, formação, experiência com a faixa etária e motivos que os levaram a escolher a carreira). (José Durval Aguiar Junior, 2017).

Os resultados obtidos indicam que a presença masculina na creche, como educadores de crianças pequenas, gera muitos estranhamentos e situações conflituosas, ao mesmo tempo em que desperta dúvidas quanto à sexualidade desses profissionais e receios quanto aos riscos associados a características masculinas como trazendo riscos à integridade física das crianças (Eisa Santana dos Santos, 2015).

Compreendemos que esses elementos, ter sua sexualidade questionada e ter que, diariamente, comprovar sua competência profissional, reunidos nos excertos apresentados das pesquisas, evidenciam os dilemas e os desafios no processo de construção das identidades profissionais de professores homens na Educação Infantil.

Entendemos que os espaços educativos devem acolher a diversidade e incentivar a desconstrução de padrões reprodutores de violências e a superação dos padrões binários e, consideramos que a presença de professores homens, nesses espaços, pode colocar em relevo, por um lado, a existência de preconceitos implícitos e explícitos e, por outro, a possibilidade de sua desconstrução quando enfrentados proposital, intencional e coletivamente.

Para tanto, consideramos primordial que a temática esteja presente e seja discutida desde a formação inicial de futuros professores e professoras, para que sejam agentes transformadores na comunidade educativa buscando uma educação mais democrática e igualitária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de conhecer o que as pesquisas científicas apontam sobre a presença de professores homens na Educação Infantil, realizamos um levantamento das pesquisas em nível de mestrado e doutorado produzidas até 2020, publicadas nas plataformas CAPES e IBICT. O objetivo geral foi reunir e compreender o que as produções científicas abordaram sobre a temática no decorrer destes anos, e, como objetivos específicos definimos examinar os principais desafios e embates enfrentados pela área com a presença de professores homens na educação infantil; conhecer o que as pesquisas desvendam quanto aos saberes e fazeres que os homens realizam ou podem realizar em creches e pré-escolas e; por último reunir o que nas pesquisas indicam sobre o masculino no processo de produção de sentidos para as relações de gênero na docência na educação infantil.

Para buscar respostas aos objetivos definidos, elegemos como metodologia realizar um levantamento da produção científica nas plataformas CAPES e IBICT publicadas até 2020 que tratassem da temática. Com um conjunto de combinações de palavras-chaves pré-estabelecidas, buscamos teses e dissertações que tratassem sobre professores homens na Educação Infantil. Reunimos um total de 32 pesquisas, sendo 29 dissertações em nível de mestrado e três teses em nível de doutorado. Para a organização do material reunido utilizamos a Técnica Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e dessa organização emergiram duas categorias de análise, sendo elas: *Ingresso e permanência de professores homens na Educação Infantil* e *Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil*.

Nas análises da categoria *Ingresso e permanência de professores homens na Educação Infantil* agrupamos os resumos que abordavam os desafios encontrados desde o início da formação, até o ingresso e a permanência destes profissionais na carreira docente. As análises dos resumos demonstram que os professores homens enfrentam muitos desafios relacionados as questões de gênero. Os estereótipos de gênero ainda são muito recorrentes nas famílias brasileiras e entre as demais profissionais nas próprias instituições. Há ainda, uma compreensão e redução das relações de gênero aos determinismos biológicos o que reforça a docência como uma atividade inata das mulheres.

Na categoria *Profissionalidade da docência masculina na Educação Infantil*, reunimos os resumos das pesquisas que buscavam conhecer quem são os professores homens e como constituem sua identidade profissional como professor na Educação Infantil.

Os dados demonstram também que os padrões heteronormativo de gênero estabelecidos em nossa sociedade, interferem na constituição da identidade profissional do professor homem e na permanência na carreira docente. A concepção de masculinidade hegemônica apresenta a ideia de homem como ser viril e sexualmente insaciável, sendo assim um abusador em potencial. Este pânico moral resulta na divisão sexual do trabalho, afastando professores homens das atividades de cuidado ou até mesmo sendo direcionados para outras funções. As pesquisas mostram que, quando aceitos e regentes de turmas de crianças pequenas, acabam por adotar uma postura mais rígida e severa e que este comportamento é reforçado por demais colegas mulheres, que transferem responsabilidades de autoridade e decisões aos homens. Além disto, estes profissionais têm sua sexualidade constantemente questionada, pois a homossexualidade é considerada, por muitos, um agravante no risco de agressão ou abuso e influência na sexualidade das crianças. Consideramos que estes discursos estão carregados de homofobia e preconceito e contribuem manter e perpetuar, desde a Educação Infantil, a norma cisheteronormativa.

Sabemos da importância de trabalhar as relações de gênero desde a infância e a presença dos professores homem podem contribuir nas instituições de educação infantil, no entanto, a presença desses professores homens não é o suficiente, ocupar estes espaços sem a proposta de uma reflexão por parte da comunidade educativa, por vezes, reforça práticas machistas e sexistas. Para além da presença desses professores homens é preciso problematizar e discutir, no coletivo das instituições de educação-infantil quais problemáticas emergem deste contexto.

Além disso, consideramos fundamental e necessário que, desde a graduação e na formação continuada, as relações de gênero sejam estudadas a fim de não reproduzir práticas sexistas e garantam que as crianças construam suas identidades e suas relações de gênero de forma mais igualitária.

Compreendemos que os resumos podem não abordar todo o conteúdo trazido na pesquisa, mas a partir das análises, os resumos denunciam algumas lacunas que ainda faltam ser preenchidas nos estudos sobre professores homens na Educação Infantil. Entre as ausências ou, pouca presença, avaliamos que a urgência de tratar e pesquisar sobre as discussões acerca

das relações de gênero na formação inicial e continuada. Consideramos também que, para um aprofundamento quanto a temática, fazem-se necessárias pesquisas que, por uma lado se atentem em considerar a perspectiva das crianças frente as relações de gênero e a presença do professor homem na Educação Infantil e, por outro, pesquisas que se debrucem sobre as *dinâmicas corporais* nas ações de educação e cuidado, a fim de, compreender como os professores homens exercem a docência e a *disponibilidade corporal* que dá contorno as especificidades da docência na Educação Infantil.

O processo desta pesquisa em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, suscitou novos questionamentos quanto as relações de gênero e a Educação Infantil, como por exemplo: Qual a perspectiva das crianças quanto aos professores homens da Educação Infantil? Os professores homens, ao exercerem a docência criam *dinâmicas corporais* próprias nas ações de educação e cuidado? Como professores e professoras, que fogem a heteronormatividade, constituem suas identidades docentes? Quais cursos de formação continuada sobre gênero são ofertados e quais suas contribuições para as/os docentes e para a comunidade educativa? Estas são reflexões que permanecem e as deixo como intenção de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLO, Alexandre; ZANNETE, Jaime E.; FELIPE, Jane. O homem-professor e a produção da profissionalidade. **Zero-a-seis**. Florianópolis. v. 22, n. 42, p.558-579, jul/dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p558>. Acesso em:21/02/2022

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021. 70 p. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-basica-2020>. Acesso em: 23/02/2022

BORBA, Vicentina M.R. Gêneros textuais e produção de universitários: o resumo acadêmico. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Corpo e infância nas pesquisas em educação infantil: trajetórias do Nupein. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1540-1574, jul./dez., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e82296>. Acesso em:08/03/2022

BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal. Docência na educação infantil: uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação** [online], v. 23, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/BJgTCYCfMbPVQcdFrkBN5yh/?lang=pt>. Acesso em: 16/02/2022

CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Brasil, 2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 15/10/2022

DEMÉTRIO, Rubia Vanessa V. **A dimensão corporal da relação educativa com bebês**: na perspectiva das professoras. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CEARÁ, **Projeto de lei nº 620/2019, 01 de junho de 2018**. Confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na educação infantil e traz outras providências. Ceara: Assembleia legislativa do Estado do Ceará,2018. Disponível em:

https://sigap.al.ce.gov.br/comissao/dir_img/a0653645cdb27596f2f1f64e93f587a5.pdf. Acesso em: 01/02/2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Brasília, DF. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 12/10/2021

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres nas salas de aula. *In*: PRIORE, Marry Lucy. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997. p. 443-481

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf. Acesso em: 02/03/2022

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** (Unicamp), v. 19, n.2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05/02/2022

NUNES, Maria Fernanda Rezende, CORSINO, Patrícia e KRAMER, Sonia. Educação infantil e políticas municipais: um estudo longitudinal. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2013, v. 43, n. 148 p. 152-175. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mvZSswJzGLGHXcCXKYk5BqL/?lang=pt#>. Acesso em: 15/02/2022

OLIVEIRA, Vinicius E.; FINCO, Daniela. “Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil”: um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina. **Zero-a-seis**. Florianópolis. v. 22, n. 42, p.580-604, jul./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p580>. Acesso em: 15/02/2022

PRADO, Patrícia D.; ANSELMO, Viviane S.; FERNANDES, Isabela S. Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 605-631, jul./dez., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p605>. Acesso: 15/02/2022

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

ROMANOWSKI, Joana. Paulin.; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional** (PUCPR), Curitiba (PR), v. 6, n.19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176/22872>. Acesso em: 10/10/2021

SABBAG, Samantha. **“Porque a gente tem um corpo né..., mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”**: a centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTA CATARINA, **Projeto de lei nº 0502.7/2019, 18 de dezembro de 2019**. Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil e outras providencias. Florianópolis, SC: Assembleia legislativa do Estado de Santa Catarina, 2019. Disponível em <http://visualizador.alesc.sc.gov.br/VisualizadorDocumentos/download?idProcesso=MjU1Nw>. Acesso em: 01/02/2022

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. **Socialização de gênero na educação infantil**: uma análise a partir da perspectiva das crianças – Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2016.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; SOARES, Alexandre Gomes; BRAGA, Denise da Silva. Percepções das crianças sobre as relações de gênero a partir das interações vividas entre pares e na companhia de uma professora e um professor na Educação Infantil. **Zero-A-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 632-655, jul./dez. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p632>. Acesso em: 03/02/2022

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos.; SILVA, Isabela Oliveira e. **EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIA E GÊNERO NAS REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. In: 39ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2019, Niterói, RJ. **39ª Reunião Nacional da ANPEd - Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências**, 2019.

SÃO PAULO, **Projeto de lei nº 1174/2019, 16 de outubro de 2019**. Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil. São Paulo: Assembleia legislativa do Estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074>. Acesso em: 12/11/2021

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, S.L., v. 20, n. 2, p. 71-99, dez. 1995.

SILVA, Isabel Rodrigues da. **Dinâmicas corporais na docência com bebês**. 2018. 173f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina. 2018.

SIQUEIRA, Lia. **Perigosos, libidinosos, carnais e gays: a docência masculina na Educação Infantil a partir dos comentários de uma notícia.** 2021. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SOUSA, Andréa R.; MELO, José Carlos. Como se constrói a identidade de professores na educação infantil. **Revista Humanidade e Inovação**, v.4, n.1, p. 117-127, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/282> Acesso em: 30/03/2022.

VIANNA, Cláudia. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), Campinas, v. 17/18, p. 81-104, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou Feminilização? apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 11, n.22, p. 271, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em:

ZIMMER, Karine. **Infância e pedagogia: uma análise sobre documentos curriculares de formação inicial em interlocução com as relações de gênero e sexualidade.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.